



**MEMÓRIAS DA GUERRILHA DO ARAGUAIA:
ENTREVISTA COM JOSÉ GENOÍNO NETO**

***MEMORIES OF GUERRILHA DO ARAGUAIA:
INTERVIEW WITH JOSÉ GENOÍNO NETO***

César Alessandro Sagrillo Figueiredo¹

Naiane Vieira dos Reis²

Luiza Helena Oliveira da Silva³

Paulo César Lucena de Sousa⁴

Apresentamos aqui uma entrevista realizada com uma das grandes lideranças políticas de esquerda no Brasil, José Genoíno Neto, ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) e um de seus fundadores. O interesse para essa conversa se deu em função das pesquisas que estamos realizando no GESTO (Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins) e que se voltam para investigação tanto de dados históricos quanto da produção literária relativa à ditadura civil-militar brasileira (1954-1985) e, nesse contexto, a Guerrilha do Araguaia (1967-1974), compreendendo a produção da literatura de testemunho.

A entrevista foi concedida ao GESTO a partir da mediação do professor e atual vereador da cidade de Xambioá (TO), Paulo Lucena, por quem Genoíno desenvolveu amizade em função de partilharem o trabalho em torno da memória dos anos de chumbo na região. Dada a situação provocada pela pandemia do Covid-19, a conversa se deu por

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Pesquisa Violência e Estado. Desenvolve pesquisas sobre Guerrilha do Araguaia, Justiça de Transição, Literatura de Testemunho. Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* de Tocantinópolis. E-mail: cesarpolitika@gmail.com

² Mestre e doutora pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Araguaína (PPGL/UT). Desenvolve pesquisas em literatura e semiótica, com destaque nos últimos trabalhos a questões de gênero. Além de trabalhos acadêmicos, publica regularmente contos. E-mail: naianevieira@uft.edu.br

³ Mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), docente da Universidade Federal do Tocantins. Desenvolve pesquisas em semiótica aplicada ao ensino de leitura e produções literárias que tematizam a ditadura. É coordenadora do GESTO. E-mail: luiza.to@uft.edu.br

⁴ Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS), é docente da educação básica da rede pública na cidade de Xambioá-TO. E-mail: xmacesar693@gmail.com



videoconferência com os pesquisadores via plataforma *Google Meet*, na noite de 12 de junho de 2020.

Antes do encontro *online*, encaminhamos por e-mail a Genoíno um roteiro de perguntas, que foram mais ou menos seguidas, em função das dinâmicas da interação e do exercício de rememoração. No trabalho de edição, optamos por fazer pequenos recortes, como o de supressão de marcadores conversacionais, preservando o conteúdo, na medida em que, mesmo considerando as digressões inerentes ao exercício de memória, parece-nos valioso o longo depoimento para a compreensão de diferentes aspectos que envolvem os acontecimentos em torno da Guerrilha. Como metodologia de entrevista, optamos por evitar interrupções, aproveitando as pausas para as perguntas, que se redirecionaram também em função das informações por ele trazidas. Genoíno nos falava da biblioteca de sua casa, enquanto nós estávamos em nossas residências localizadas em cidades do Tocantins e do Maranhão.

Luiza: Quero começar dizendo boa noite a todos, em especial a você, Genoíno, e nos apresentando. Eu sou professora da Universidade Federal do Tocantins, da área de Letras, trabalhando com Semiótica. A gente vem desenvolvendo junto com o César e mais outros membros aqui do grupo de estudo uma pesquisa sobre a literatura de testemunho, que vai tratar, testemunhar, a experiência frente a situações como a da Ditadura e da Guerrilha. O que a gente tem aqui, do ponto de vista da literatura, é o que os tocantinenses mesmo praticamente ignoraram a Guerrilha, do ponto de vista de uma produção literária. Temos uma literatura que prioriza a memória, mas não tematiza a Ditadura, não tematiza a Guerrilha. Para os interesses de nossa pesquisa, você é uma figura central para nós, é um ator social importante que pode preencher lacunas nas narrativas sobre esses acontecimentos e, por isso mesmo, é uma honra grande poder falar com você nesse momento.

César: Boa noite. Sou professor de Ciência Política aqui da UFT. Dou aula em Tocantinópolis, do lado de Porto Franco, onde ficava o Doutor João Carlos Haas Sobrinho⁵.

⁵ Foi um dos guerrilheiros assassinados pela ditadura, cujos restos mortais ainda não foram entregues aos familiares. Nascido em 25.05.1941, em São Leopoldo (RS), tornou-se um dos mais populares militantes do



Genoíno: Eu conheci Tocantinópolis.

César: A Sônia Haas⁶ veio muito para Porto Franco. Então, a gente trabalha muito ali em Tocantinópolis com a Guerrilha do Araguaia, com os alunos da UFT, na questão da Ciência Política. Eu trabalho com a Professora Luiza, junto com a Literatura do Testemunho e política. Então, nós trabalhamos muito com essa linha da memória política do Tocantins, do Tocantins e no Tocantins.

Luiza: Estamos aqui com o Paulo, que é vereador de Xambioá, a Naiane, que é natural de Xambioá, está morando agora no Maranhão, é uma pesquisadora e doutoranda pela UFT, a professora Verônica⁷, que é de Araguaína e já foi professora em Xambioá, muito amiga do Zezinho do Araguaia⁸ e está fazendo inclusive uma entrevista com ele. E a professora Jacielle⁹, paraense e está fazendo levantamento sobre a literatura produzida no Pará sobre a ditadura. Genoíno, a gente vai começar pedindo para você falar da sua infância. Como é que você se torna um menino de esquerda? Como é que se deu essa sua formação? Como é que você se encaminha para a esquerda? Como é que foi esse processo? Onde que você nasceu?

Genoíno: Eu nasci no interior do Ceará, num lugarejo chamado Várzea Redonda, no Distrito de Quixeramobim, no Encantado. O Encantado é distrito de Quixeramobim. E eu fiquei na roça. Eu sou filho mais velho de uma família de onze irmãos. Meu pai lavrador, minha mãe era professora de alfabetização. Eu trabalhei na roça até doze anos de idade. Não só trabalhei na roça, com o meu pai, mas também trabalhei na seca de 58, no Ceará,

PCdoB na região, em função de sua atuação como médico, num momento em que a população sofria com a inexistência de atendimento de saúde. Era conhecido como Dr. Juca ou Bula (esta referência dada a todos os que conseguiam prescrever remédios, leitores de bulas).

⁶ Irmã de João Carlos Haas Sobrinho, que continua na luta pela memória do irmão. Em setembro de 2020, realizamos uma entrevista com ela pelo GESTO.

⁷ Francisca Verônica Feitosa, docente da rede pública estadual em Araguaína (TO) e mestranda em Letras pela UFT.

⁸ Pseudônimo de Michéas Gomes de Almeida. É um dos ex-guerrilheiros sobreviventes e tem um papel bem ativo em defesa da memória da Guerrilha, com atenção especial à luta pela indenização dos camponeses que foram alvo da violência do Estado na região do Araguaia.

⁹ Jacielle da Silva Santos é docente da rede pública estadual em Araguaína, mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) e doutoranda em Letras pela UFT.



uma seca muito dura, como foi a de 32, como foi a de 1915. Eu fui alfabetizado pela minha mãe. Depois, eu fui estudar num vilarejo que se chama Encantado, que é um pequeno povoado, e fiz o primário. Agora, para estudar em Senador Pompeu, que é a cidade próxima de Quixeramobim, eu precisava ter o apoio de um padre, que celebrava missa no Encantado. E esse padre, que é o padre Salmito, celebrava a missa e eu era ajudante da missa. Nessa época, não tinha colégio público. Eu fiz o exame de admissão para receber uma bolsa. Ganhei a bolsa e fiz o exame para a bolsa, passei, mas eu não tinha como ir para a cidade. Minha família era muito pobre. Esse padre me convidou para morar com ele. Portanto, eu fui como sacristão (risos). Eu era sacristão, morava com o padre. Morei com ele durante 4 anos, durante 3 anos. Foi uma pessoa muito importante na minha vida. Era um padre que tinha acabado de assumir a Paróquia lá de Senador Pompeu. Foi na época do Concílio Vaticano II, foi na época das JAC, JEC, JIC, de todas as movimentações da Juventude Católica, e foi importante nessa minha experiência. Depois, eu fui morar em Fortaleza, porque eu precisava fazer o científico ou o colegial. E, aí, eu fui morar em Fortaleza, na casa de uma família amiga desse padre, para poder estudar. Minha ideia era estudar, estudar, estudar. Nessa minha experiência, eu fui trabalhar em Fortaleza. Meu primeiro emprego foi na IBM, uma empresa de computadores. Meu primeiro computador, que eu trabalhei, foi o /1401. Depois, eu entrei na universidade, em 67, e aí eu iniciei a minha militância política. Agora, a minha experiência com o padre foi muito importante, porque eu me relacionei com a JEC, com a JAC, me relacionei com o Frei Tito¹⁰, que era então estudante em Fortaleza, me relacionei muito profundamente com o grupo de amigos, com que eu convivo até hoje, que um deles é Benevit, com quem eu tenho uma relação praticamente de irmãos. Eu estou até fazendo uma narrativa de minha vida com ele. Enfim, essa foi a minha experiência política. O meu engajamento se deu em 67, quando eu entrei na universidade, na faculdade de Filosofia. E esse engajamento foi da participação no Congresso da UNE em Vinhedo. Foi antes de Ibiúna. Particpei do Congresso em Vinhedo, quando eu comecei a militar junto com o Partido Comunista do Brasil, ao qual me filiei em 67. Fui presidente do Centro Acadêmico, depois presidente do DCE. Particpei das manifestações

¹⁰ Tito de Alencar Lima (1945-1974) foi frade católico, preso no Congresso da União Nacional dos Estudantes – UNE – em 1968, em Ibiúna. Em função das sequelas produzidas por sessões de tortura, suicida-se durante o exílio na França.



de 68 e, quando eu vim para o Congresso de Ibiúna, fui preso. Depois do AI-5, entrei na clandestinidade. Saí de Fortaleza e vim morar em São Paulo. Ao entrar na clandestinidade, depois de um ano e meio clandestino em São Paulo, Rio de Janeiro, tomei a decisão, de livre e espontânea vontade, de participar da preparação da Guerrilha, no caso, do Araguaia. Fui para o Araguaia em julho de 70, precisamente no dia 28 de julho. Eu me lembro dessa data, porque, quando eu cheguei lá, o Oswaldão¹¹ me deu um calendariozinho daqueles que ficam pregados na parede, que era o dia da Revolução Cubana quando houve o assalto ao Quartel Moncada. Eu recebi essa folha com um revólver 38 e uma espingarda 20. E eu agora tinha outro nome¹² e era outra pessoa, morando no sul do Pará. O Nordeste de onde saí era da seca, da falta de chuva e eu chegava na Amazônia, onde havia água, verde, rios. Aquilo ali era uma mistura de poesia com a minha opção político-ideológica de estar no Araguaia. Então, eu estou resumindo essa viagem. Para mim, foi uma viagem muito importante. Para ir para o Araguaia, fui para Anápolis, de Anápolis, depois Imperatriz, no Maranhão, de Imperatriz eu desci o Tocantins e subi o Araguaia de barco, aqueles barcos de tuc, tuc, tuc¹³... Cheguei a Araguatins, depois Tocantinópolis. Depois, eu subi para, passando a cachoeira de Santa Isabel, chegar em Santa Cruz, onde eu morava. Iniciei ali uma caminhada. Para mim, eu estava chegando numa mistura de poesia, de sonho, de ideal, que era participar da preparação de uma resistência à Ditadura Militar. Como vocês sabem, a minha geração de 68, ela só tinha 3 escolhas: ou ela ia para o exílio, ou ela ficava em casa e ia ser presa ou então ia para a luta armada. Eu optei pela clandestinidade e ir para a luta armada. Viajei até chegar no sul do Pará, onde eu vivi quase dois anos.

César: Genoíno, quando você foi para o Araguaia, o partido já tinha colocado toda a base? Já tinha exposto o programa, a tarefa que ia ser cumprida? Como é que seria lá? Já tinha plena consciência das tarefas a serem realizadas lá, como uma área estratégica do PCdoB?

¹¹ Oswaldo Orlando da Costa (1938-1974), comandante do Destacamento B, na Guerrilha do Araguaia, tornando-se uma espécie de lenda por sua atuação.

¹² Utilizará o pseudônimo Geraldo.

¹³ Possível referência a uma embarcação que na região se denomina como “voadeira”.



Genoíno: Olha bem, quando nós fomos para o Araguaia, em 68, eu era da Direção Nacional do Comitê Universitário do PCdoB. Outros companheiros, inclusive que estavam no Araguaia, como a Helenira Resende de Sousa Nazareth¹⁴, como Emílio... o Ribas¹⁵. A gente fazia o debate em 68, 68, 70 com base num documento que foi marcante na história do PCdoB. E eu vou, para efeito de documentação, eu vou pedir licença para pegar ele aqui [aponta para o lado, como se fosse para uma estante] e mostrar para vocês esse documento, porque ele foi decisivo nessa questão que você coloca [levanta-se para pegar o documento. Após um momento, apresenta um documento para a câmera]. Eu vou mostrando o documento. Foi este documento aqui, “Guerra Popular: caminho da luta armada no Brasil, Partido Comunista do Brasil”. A gente discutia este documento na época em que eu estava no Movimento Estudantil, em 68, 68, até o meio do ano em 70. Portanto, a gente tinha um debate sobre o movimento de preparação da luta armada. Esse debate a gente tinha. A gente não sabia o que era, como era, nem como ia se desenvolver e então, esse debate acontecia. A gente não sabia como é que era, mas a gente depois ficou sabendo que, desde 68, o Núcleo Dirigente do Partido Comunista do Brasil escolheu aquela região como adequada para implantar os destacamentos e os grupos guerrilheiros. Quando eu fui para lá, eu já fui para o destacamento que ficou conhecido como Destacamento B, da região da Gameleira. Eu era do grupo da Gameleira, que ficava entre Santa Cruz e Santa Isabel, perto da cachoeira de Santa Isabel. Foi onde eu me localizei. E a gente fazia o debate. Agora, o quê que era, como é que era, nós não tínhamos noção. A gente foi para lá como lavrador, como camponês. Nessa época, é importante dizer, naquela não existia Estado, não existia poder político. Quem atravessasse o Araguaia estava livre, para o lado sul do Pará. Era uma região que não tinha nada organizado. Só tinha um delegado de polícia em Marabá, que se chamava sargento Marra, que, por sinal, depois participou da minha prisão. E não existia poder político, quando eu cheguei lá, em 70. Só depois é que, quando começou a Transamazônica, a partir do final de 70, é que começou a haver a grilagem das áreas para a pecuária, a questão da derrubada do mogno para tirar madeira e a Castanha-do-Pará. Porque era uma região muito importante de Castanha-do-Pará, mogno, que era a madeira nobre, e uma região propícia para a

¹⁴ Líder estudantil e graduada em Letras pela USP, que empregava no Araguaia o pseudônimo Fátima (1944-1972).

¹⁵ Não identificamos as referências.



agropecuária, como está acontecendo até hoje. Portanto, essa nossa experiência era muito rica naquele lugar. Quando eu fui para lá, eu não sabia que era lá. Eu só sabia o passo seguinte: de São Paulo eu fui para Anápolis, de Anápolis eu fui para Imperatriz, de Imperatriz eu fui para Araguaatins, de Araguaatins eu fui para Santa Cruz, de Santa Cruz aí eu entrei no mato. Como se diz, entrei no mato para valer, aquela coisa apaixonante que é a selva. A selva tinha um mistério para nós, um mistério apaixonante, mistério do barulho, da vida. A gente dizia que a selva era como se fosse a Avenida Paulista. Tinha o barulho dos pássaros, das onças. A gente tinha que se acostumar com as frutas, com a água, com aquela vida muito rica dentro da selva.

César: Na chegada ao Araguaia, você teve muita dificuldade de adaptação? Como é que foi viver clandestinamente na região?

Genoíno: No meu caso, a minha adaptação foi facilitada, porque eu tinha a experiência de trabalhar na roça quando eu morava no Ceará. Pelo meu estilo, eu conhecia a roça, sabia como tratar de enxada, machado. Eu sabia comandar. Porque você sabe que andar na selva você tem que ter uma técnica, porque se você andar com o pé muito encostado na terra você cai. Você tem que andar com o pé alto. Mas eu já conhecia, pela minha experiência no sertão. Por outro lado, o meu tipo físico facilitava andar na região. Por isso que lá no Araguaia a minha adaptação foi fácil. Mas outros companheiros sofreram muito. Por exemplo, eu vi companheiros que, quando foi a primeira vez cortar de machado, a mão raspou, rasgou em cima, porque não sabia como segurar o impacto. Eu via companheiras que caçavam no mato, que ativara jabuti. Em jabuti você não atira. Mas atirava em jabuti. Alguns sofreram muito com leishmaniose, com malária, com mordida de cobra. E a gente se adaptava de maneira muito fácil. Por exemplo, a gente pegava muito uma coisa que se chama bicheira, que é uma coisa provocada pela mosca varejeira. E a gente se curava nas condições em que a gente vivia naquela região. Portanto, para mim, foi fácil. Para outros companheiros, foi mais difícil se acostumar. Nunca tinham ido no mato. Saíam da Avenida Paulista e iam direto para lá. Por exemplo, a Tuca¹⁶, que era uma enfermeira. Ela era uma enfermeira que morava em São Paulo, bem branca, mão fina

¹⁶ Luiza Augusta Garlippe (1941-1974), formada em Enfermagem pela USP.



e chegava lá. Então, era duro. Eu já estava acostumado com a roça. O Zezinho também já tinha facilidade. Outros companheiros tinham, pela sua origem. E a gente foi mesclando. Eu, por exemplo, circulava mais na região, ia até Araguaína, Xambioá, Araguaatins. Pelo meu tipo físico, facilitava andar na região, fazendo compras, fazendo relações sociais. Na região, naquela época, não existia nada [ênfase] de movimento social. Era uma região que não tinha sindicato. A única experiência da igreja era em Marabá, com Dom Alano. Era só isso lá em Marabá. Em Xambioá não tinha experiência, não tinha. A gente buscava se adaptar nas condições da região e, portanto, foi a própria adaptação na selva um treinamento militar: dormir na selva, não ter medo de se perder, andar nos rios, nadar nos rios. A vida em si já era um treinamento.

Paulo César: [Agradecimentos]. Bom, Genoíno, já que você falou da sua chegada à região, como foi, como se deu, contextualizou tudo isso, a minha pergunta é: Como foi, após a sua chegada, estabelecida a relação com a comunidade local, com os camponeses? Como isso se deu?

Genoíno: Olha, a gente tinha uma lei. Era uma regra de ouro...

César: Só para complementar a pergunta do Paulo: conseguiram fazer um trabalho político junto com os camponeses?

Genoíno: A gente tinha uma regra de ouro: ninguém da população sabia quem éramos nós. Nós éramos os paulistas, os mineiros, que estavam lá naquele movimento migratório, que era com a pecuária, com as posses de terra, com a madeira, com a caça. E a gente estava lá para fazer negócio. A gente estava lá para tocar a vida. Eu, por exemplo, era sobrinho do Amazonas¹⁷, que tinha lá o nome de Seu Cid. Ele era sócio do Oswaldão e, portanto, eu era sócio do Oswaldão. Então, a gente tinha, cada um tinha uma história, que a gente ia montando. Ninguém da população sabia a nossa condição política. A nossa relação era com base na confiança. A gente vivia do jeito que vivia a população, nossas casas eram iguais, a gente trabalhava na roça como eles, a gente caçava como eles, a gente

¹⁷ Secretário-geral do PCdoB (1912-2002). Chegou ao Araguaia com mais de 60 anos.



comia como eles. A gente procurava fazer uma adaptação às condições da região. Mas ninguém mesmo sabia quem éramos nós, ninguém sabia. Era proibido saber quem éramos nós.

A gente ficava mais ou menos espalhado: uma casa com três, uma casa com cinco, outra casa com quatro. Porque a nossa estrutura era destacamento de vinte e um, e cada destacamento era dividido em sete. E eram três destacamentos, mas atomizado, um separado do outro. Então, a gente vivia, a gente participava da vida social. Qual era a vida social na região? Ir nas cidades, assistir sessão de terecô, porque era o evento religioso que tinha na cidade, de terecô do Codó, do Maranhão. A gente participava de movimentos normais. A única coisa, foi até interessante, em 70, os Mutran¹⁸, de Marabá, queriam que o Oswaldão fosse candidato a vereador, porque o Oswaldão era conhecido, pelo tipo físico, ele atirava bem, era caçador, era garimpeiro. E eles queriam que ele fosse candidato a vereador. Aí, nós arranjamos um jeito de dar uma desculpa. Por exemplo, uma boa parte de nós lá era composta de jovens que tinham saído da cidade. Poucos companheiros eram casados. A maioria eram jovens. A gente convivia com um certo cuidado para não chamar muito a atenção, porque na nossa relação social, a gente circulava nas vilas e povoados, as meninas ficavam: “Quem é esse pessoal? Como é que é?” Era proibido para a gente ter relações afetivas mais intensas. Então, a gente vivia uma vigilância permanente. Por exemplo, a gente ia andar na cidade, não podia ir ao Vietnã, como eles diziam na época. O Vietnã era a zona, porque lá acontecia muita morte, numa analogia à guerra do Vietnã. A gente não podia contrair relações afetivas com a população, porque, senão, a gente tinha responsabilidade. Um companheiro, o Amaro¹⁹, que esteve em uma relação afetiva com uma camponesa, se desligou da Guerrilha, porque era proibido, porque isso geraria problemas de segurança. Então, a gente tinha uma vida clandestina: as reuniões, os estudos, o treinamento, eram tudo clandestino. E tinha uma vida legal, como qualquer camponês que vivia na região. Quando a gente desenvolvia atividades clandestinas, a gente ia para dentro da selva.

A gente ia para o mato fazer as atividades clandestinas de estudo, leitura. A gente ouvia normalmente as rádios internacionais, por causa da censura no Brasil. Então, a rádio de

¹⁸ Família de origem libanesa que se torna uma das oligarquias da região, a partir da exploração da castanha, em 1950. Ainda gozam de prestígio e poder político-econômico.

¹⁹ Amaro Lins viverá com a camponesa Neusa Lins até 1985, falecendo em 1990.



Pequim, a rádio de Moscou, a Voz da América, a BBC de Londres. Era através daí que a gente se informava muito do que acontecia. Então, isso foi um processo, viu, Paulo. Foi um processo, porque nós não fomos de uma vez para lá os 21, que era o meu destacamento. Iam dois, depois de dois meses iam três, depois ia um, depois ia outro. Era um processo bem cuidadoso para não chamar a atenção naquela região, porque era uma região de colonização, era uma região de ocupação. Então, a gente entrava naquele movimento de ocupar a região.

Era uma região tensa, já era tensa a região. Tinha muitos conflitos. Aliás, eu vou mostrar para vocês aqui um livro que depois vocês podem pesquisar [pega o livro “O cavaleiro da morte” e mostra para a câmera]: O nome da morte. “O nome da morte” é a história de um pistoleiro que matou 492 pessoas: Júlio Santana. Esse pistoleiro foi a pessoa que atirou em mim quando eu fui preso. E ele conta as mortes que ele praticava na região. Então, era uma região desse tipo. A gente convivia com isso, a gente vivia nesse meio. Era uma região que começou a ter problema de posse da terra, início dos conflitos. E a gente ficava naquele meio, com muito cuidado para não chamar a atenção. E esse relato desse livro aqui, “O nome da morte”, retrata bem como as questões eram resolvidas lá no sul do Pará. E tinha um lema que as pessoas diziam. Tinha muito cearense lá no sul do Pará na época. Diziam um lema do Padre Cícero: “Quem atravessasse o Araguaia nos anos 70, não atravessaria mais, porque o Araguaia ia pegar fogo, através de uma guerra”. E o Araguaia, para nós, era um mistério, pessoal. O Araguaia era uma coisa, assim, simbólica, poesia, aquelas águas, aquelas praias, aqueles barcos. Então, tinha uma coisa, assim... Era impressionante como a gente, que vinha da cidade, a gente se acostumava com aquela coisa enorme do Araguaia. Por exemplo, atravessar o Araguaia nadando era treinamento nosso. A gente tinha um lema: “Tem que andar na selva como se a gente estivesse andando na Paulista, e tem que aprender a não se perder”. Enfim, era uma criação, cada dia tinha uma novidade, cada dia tinha uma criatividade para a gente viver.

A média de idade era de vinte e quatro, vinte e cinco anos. A maioria era a geração de 68. Inclusive, muitos companheiros eu conhecia do Movimento Estudantil de 68, seja do Ceará, seja aqui de São Paulo. E a gente vivia, até começar a Guerrilha, a gente vivia numa visão de comunidade. A gente era uma comunidade meio alternativa dentro daquela selva. E aquilo ali se rompeu quando começou a luta armada.



Paulo César: Genoíno, eu quero só fazer uma retomada na sua fala, quando você disse sobre a questão das informações que vocês tinham acerca do que acontecia no país através de rádios estrangeiras. Eu lembro que eu tive contato com sua história numa entrevista que você concedeu a uma revista destinada ao público masculino, a *Playboy*. Eu não lembro daquela entrevista.

Genoíno: Isso. Aliás, eu vou mostrar, já que você está falando disso, eu vou mostrar a revista aqui. Eu tenho essa revista guardada aqui.

Paulo César: Eu quero te perguntar o seguinte: você foi responsável, em algum momento, para sintonizar a Rádio Tirana, da Albânia, para poder saber das informações que aconteciam no Brasil no momento daquele auge da Ditadura?

Genoíno: Fui. Cada casa em que a gente morava tinha um rádio *Transglobe*. Era um rádio potente e pegava muito bem a Rádio Tirana, Pequim, Moscou, Voz da América e BBC pegavam muito bem. Cada casa nossa, cada choupana – que as nossas casas eram casas de palha, viu, pessoal –, cada casa tinha um rádio, um rádio *Transglobe*, um rádio potente. E, através desse rádio, a gente tinha uma norma: amanhecia o dia, a gente ouvia o noticiário internacional; e à noite a gente ouvia, era rigorosamente seguido, a rádio Tirana, que transmitia as informações do Partido Comunista do Brasil: resoluções do Comitê Central, resoluções do Brasil. E a gente acompanhava, inclusive, músicas que eram censuradas essas rádios transmitiam. Por exemplo, a Voz da América transmitia, a BBC de Londres, a rádio Havana a gente ouvia muito. Então, a gente se informava. A gente era muito informado dessas coisas todas, porque tinha censura aqui. A outra maneira é quando chegavam companheiros. Durante os quase dois anos que eu fiquei lá, quando chegava companheiro, ele trazia as novidades da cidade: como é que estava acontecendo na cidade, o comportamento, as revistas, os livros. Eu nunca esqueço que, quando surgiu a microssaia, chegou um companheiro e disse: “Eu tenho uma novidade para vocês. Tá aqui. Agora não é mais a minissaia; é a microssaia”. E mostrou, e trouxe a capa da Revista Bondinho, que era uma revista de supermercado, com a fotografia da microssaia. Eu me lembro muito, na época, a Leila Diniz era a figura principal da televisão. Então, apareciam as coisas dela. A gente se informava dessa maneira. Mas, também, a gente vivia uma vida



muito politizada. Então, a gente tinha essa relação. Normalmente, a gente ouvia as rádios e, depois, tinha uma discussão política. Porque a gente trabalhava na roça de dia. À noite, a gente não ia dormir tão cedo. A gente tinha toda uma relação de convivência coletiva. Porque aí é importante mostrar para vocês o seguinte: a Guerrilha tem uma lei: “Nada você faz sozinho”. É a partir de dois, de três; tudo é junto. E como... a gente tinha uma relação de convivência orgânica, imbricado, tudo era junto, ouvir rádio junto, discutir junto, fazer a comida junto, treinamento junto. Enfim, era uma coisa muito intensa, porque isso é da natureza da Guerrilha. Você sabe que na Guerrilha tua vida depende do outro para fazer a segurança. Então, se é educado a pensar isso. Você nunca faz nada sozinho. Eu, quando eu fui preso, é porque eu fui sozinho levar uma mensagem. E quando eu fui levar essa mensagem de que o pessoal já tinha fugido, quando eu me senti preso, para mim, é como se tivessem me cortado. Eu era de um corpo e fui cortado, porque a gente cria uma relação humana muito forte de companheiros e companheiras, nessa maneira da gente ouvir a rádio, conversar, discutir. Tudo a gente conversava, né, dentro das relações, dentro do comportamento de... daquilo que não pode ser divulgado. Eu vou mostrar a revista que ele falou aí. [Vira-se para pegar a revista mencionada pelo Paulo]. A revista é essa. Está aqui a entrevista “Da Guerrilha do Araguaia aos exageros da esquerda, o Deputado José Genoíno”. Essa é a Playboy que ele se referiu [mostra a capa da revista para a câmera]. Aliás, essa Playboy, eu tenho uma história com ela, viu? Quando eu dei essa entrevista, essa Playboy foi uma das mais vendidas. E quando eu fui preso, quando eu estava preso em Xambioá, eu era só lavrador. Aí, quando apareceu a Guerrilha, quando teve um conflito que morreu o Bergson, o João Farias, apareceram os documentos da Guerrilha. E eu fui torturado lá na base de Xambioá, naquele morro lá que ficava a base militar. E eu fui... eu estava com malária e eu fui torturado. A malária te tira a água do corpo, que você fica com muita sede, e o choque elétrico também. Aí, eu fui levado para Carolina do Norte, para a base da Aeronáutica. Em Carolina do Norte, eu ficava gritando por água, água, água, água. E um soldado me deu água. Aquilo foi o ato humano mais humano do mundo. E eu relatei isso nessa entrevista da Playboy, sem eu saber quem era, mas eu relatei que era um soldado que eu não sabia o nome e tal. Depois, quando eu estava no Parlamento, em 97, ele me ligou um dia e disse que era aquele soldado, o Mascarenhas, e queria falar comigo. Eu não acreditava. Ele disse “Não, é! Eu estava no consultório médico, lia a revista Playboy, li que você marcou muito aquela



garrafa de água que eu te dei clandestinamente e eu quero me encontrar com você”. Dois anos depois, eu encontrei com ele tomando água mineral no Aeroporto Santos Dumont, ali no Rio de Janeiro. E foi uma pessoa muito marcante. Já que você falou da revista, eu conto esse fato. E eu recebi essa garrafa de água mineral quando eu estava preso em Carolina do Norte, no Maranhão. Carolina do Norte é Maranhão, né? Exatamente, na base da Aeronáutica.

Luiza: Num primeiro momento, a lógica era da clandestinidade, mas, num segundo momento, haveria o convencimento da população para se unir à proposta da Revolução, da Guerrilha. Como é que isso se deu, como é que foi a relação? Porque nós temos centenas de pessoas que foram torturadas, porque supostamente deram apoio a vocês que estavam na militância. Como é que se deu isso? Vocês conseguiram fazer avançar um pouco esse diálogo?

Genoíno: A gente tinha uma relação muito direta com a população de amizade. Por exemplo, o João Carlos, vou te contar um episódio. O João Carlos salvou a vida de uma mulher, porque ela teve um parto, o menino morreu durante o parto, e ele fez a cirurgia. Mas ele fez a cirurgia sem dizer que era médico: “Eu sou curandeiro”. A Tuca, que era enfermeira, também fazia parto. Então, veja bem, e a gente trocava dia de serviço. Eu vi caso de pessoas que diziam assim: “Não, esse pessoal é muito bom, é meu compadre”. E apanhavam por causa disso. Eles não sabiam o nosso discurso, o nosso objetivo político, mas tinham uma relação de amizade, porque confiavam na gente. Você sabe que o camponês confiava na gente, a gente andava junto, caçava junto. Enfim, isso ajudava. Qual era o nosso objetivo? Era criar uma relação uma relação de amizade. Quando a gente tivesse a iniciativa de deflagrar o movimento, aí a gente ia fazer o discurso político. Só que a guerrilha foi precipitada, porque ela foi descoberta antes. Então, a ideia era fazer algum tipo de ação fora do Araguaia, tipo, em alguma cidade importante do Maranhão ou de Goiás, norte de Goiás, que agora é Tocantins, e aí começava o movimento. Só então que a gente ia dizer à população o quê que era. Foi um trauma violento, viu, Luiza, a relação com a população. Muito! Olha, eu falo disso... nunca sai da minha cabeça.

Você sabe, quando eu fui preso, eu não era Genoíno; eu era Geraldo. Eu era camponês, lavrador e tal. Depois, eu voltei para Xambioá, um mês depois de preso, aí era Genoíno,



era terrorista, eu era isso e aquilo outro. A população vinha falar comigo, tinha trauma, tinha coisas, assim, incríveis, porque a gente tinha uma relação muito intensa com a população, entendeu? Você veja, eu andava muito em Xambioá, eu me hospedava no Hotel Araguaia, as pessoas me conheciam. A gente tinha episódios, assim, que não eram politizados; eram relações de amizade. Esse foi um dilema da Guerrilha, Luiza, porque, quando a Guerrilha precisava se comunicar com a população, ela se expunha, porque uma lei da Guerrilha é “a capacidade de iniciativa, a surpresa e a mobilidade”. Na medida em que a Guerrilha precisava discutir com a população, ela ficava visível. Aí, ela perdia a liberdade de movimento. Esse dilema dificultou muito, apesar de dois anos de resistência, a sobrevivência da Guerrilha. Até quando a gente discutiu, o pessoal discutiu e eu já estava preso, se a gente ia vazar para as margens do Xingu ou não, era como que seria a relação com a população. Então, esse eu digo claramente para você foi um dos dilemas da própria Guerrilha, porque a gente vivia lá sem dizer nada. Quando a população descobriu, não descobriu por nós. Ela descobriu com pau de arara, tortura, corpos pendurados. Eu fui torturado publicamente na praça de Xambioá. Quer dizer, era uma violência muito grande. Ninguém entrava lá, quer dizer, aquele terror era para impedir que a população estabelecesse a relação com a Guerrilha. Então, a população foi muito violentada, foi uma relação muito traumática.

Eu vou te contar um episódio, que eu acho que é importante esclarecer. Quando eu estava preso lá na base de Xambioá, um jovem bem... devia ter uns 15, 16 anos, ele foi preso porque estava fugindo. Eu disse: “Por que você estava fugindo, rapaz?”. Ele disse: “Porque eu fiz mal a uma moça”. Ele transou com uma menina, não queria se casar e fugiu. Aí, foi preso. Aí, ele dizia: “Eu nunca imaginava que fazer mal a uma moça eu fosse ser preso”. Eu dizia: “Mas não é por isso. É por isso, por isso, por isso...”, até ele entender o que era aquilo. Ele chegou para mim e disse, olhe bem a tragédia. Ele disse: “O que passa naqueles fios que botam na minha orelha e eu fico pulando como sapo?”. Quer dizer, ele conhecia uma modernidade, a energia elétrica, através do método medieval, que é a tortura. E... Era esse trauma que a gente vivia. Por exemplo, quando eu estava lá naqueles buracos, um dia botaram um grileiro lá, porque eles pegavam qualquer pessoa. E o grileiro se encostava na parede se protegendo, achando que eu ia atacá-lo. E eu dizia: “Não, não vou fazer nada”. “Não, mas eu não posso ficar. Você é o demônio. Você...” e ficava nos cantos lá. Eu só... para você ver como é que era a situação.



Isso criou um pavor, literalmente um pavor, na população. Alguns foram engajados no combate à Guerrilha com as Forças da Repressão. Outros foram... alguns poucos entraram na Guerrilha. Alguns entraram, poucos. Outros foram obrigados a coisas terríveis. Por exemplo, botar veneno na comida de companheiros que estavam pedindo comida. Quer dizer, pessoas que foram profundamente massacradas, violentadas naquela situação. E a gente vivia isso, porque lá não entrava ninguém. Era uma área cercada, quer dizer, a região toda do sul do Pará, a partir de Araguaína. A partir de Araguaína e Imperatriz, tinha um cinturão que quem entrasse ali era revistado. Não entrava ninguém. E a gente ali acontecia de tudo. E a população foi muito marcada por aquilo, muito marcada.

Como eu estava preso, eles levavam pessoas que me conheciam para me identificar. E eu via o drama. Você imagina a mistura de uma visão camponesa com uma guerra, com *napalm*, com tortura. Era um trauma em si, e aquele trauma em si era muito agressivo para aquela população, porque era uma população, pessoal, que interessante explicar para vocês. A população do sul do Pará, ela vinha de uma colonização de uma fronteira agrícola. Estava entrando na Amazônia. Ela vinha de vários estados. Você não tinha uma sociedade estratificada profundamente. Era muito a ideia da aventura, do novo, do garimpo, da selva, do enriquecimento. Era uma coisa muito poética até, na selvageria. De uma hora para a outra, vem aquela coisa e estoura tudo, que a gente estava naquele meio.

César: Há muito debate sobre como foi descoberta a Guerrilha. Como é que foi descoberta? Você tem algum indício? Existe alguma de que foi descoberta a área pelos militares?

Genóino: Olha, eu fui preso seis dias depois que começou o primeiro ataque. O primeiro ataque foi dia 12 e eu fui preso dia 18, quando eu ia levar uma mensagem para o Destacamento C, que ficava na região dos Caianos, que é depois de São Geraldo. Meu destacamento não foi afetado, porque ele ficava no meio. O Destacamento A era na ponta de Marabá, e o Destacamento C era entre São Geraldo e Conceição do Araguaia. A gente estava lá há muito tempo e a tensão na região começou a existir, viu, César? A tensão. A gente até dizia que a gente era uma espécie de gravidez, que estava difícil esconder a barriga. Porque estava acontecendo muita coisa, disputa, terra, principalmente com a



abertura da Transamazônica. Depois, teve um caso, que a gente sabe, de companheiros que saíram de lá para se tratar de brucelose e parece que a família descobriu que a pessoa apresentava leishmaniose, malária, e era do sul do Pará, era da Amazônia, porque você não tem leishmaniose, brucelose, nem malária em São Paulo. Isso era do Norte do país. Aí, começaram a ter dicas. Aí, eles pegaram dicas, assim, de que o PCdoB estava lá na região. Aquela região, César, é importante deixar claro para vocês uma coisa, era uma região estratégica para vários grupos Guerrilheiros. Teve a experiência da AP no Maranhão. Teve a experiência do MOLIPO na região de Paraíso do Norte, que é na Belém-Brasília. E tem até essa história, que apareceu agora, de uma senhora, a Nô²⁰, que foi encontrada. Lamentavelmente, ela morreu poucos dias depois de uma experiência de clandestinidade durante cinquenta anos.

Quando você falava Guerrilha Rural, os olhos eram voltados para a região da Amazônia. Era uma região já, vamos dizer assim, de interesse estratégico. Então, eu acho que vários fatores acabaram levando a Repressão para lá. Mas, quando a Repressão vai para lá, ela foi descobrindo Guerrilha aos poucos. Por exemplo, quando eu fui preso, eu só fui identificado com o meu nome cinco dias depois, porque eu tinha uma boa história: lavrador, minhas mãos eram calosas. Tinha uma área que eu morava, uma casa que eu cultivava. Isso tudo ajudava a passar a nossa história, mas fui identificado pela impressão digital.

Quando a Repressão chegou nas cidades, a própria Guerrilha precisava se comunicar com a população. A gente criou, nessa época, a ULDT, a União pela Liberdade e Direito do Povo, que era um documento de 27 pontos. Nós criamos o regulamento da Guerrilha, manifestos que a Guerrilha lançava. Então, isso ficou público e, ao ficar público, foi dando uma dimensão de que tinha um movimento. Aí, foi enraizado.

Nas primeiras campanhas, eles não se deram bem. A campanha decisiva foi a partir de 73 para 74, quando eles adotaram o mesmo procedimento que nós tínhamos adotado, de viver na região, de conhecer a população, e fazer uma infiltração na população e ver como houve os ataques decisivos. Portanto, era uma experiência, viu, César e Paulo, que estava se constituindo. Agora, era uma região... por exemplo, só para se ter uma ideia, quando o

²⁰ Maria Lídia Martino (1932-2020). Cf.:

<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/politica/n%C3%B4-a-clandestina-resgatada-viva-aos-100-anos-em-colinas-do-tocantins-1.2045169> Acesso em 28 set. 2020.



peçoal, quando os companheiros do MOLIPO²¹, que estavam em Paraíso do Norte, onde o Jeová²² foi assassinado no campo de futebol, surgiu a história que o pessoal tinha fugido para o lado do sul do Pará, para o lado do Araguaia. No dia que aconteceu isso, eu estava hospedado no Hotel Araguaia, porque eu saía do mato e ia para Xambioá. Aí, uma senhora chegou para mim e disse: “Olha, você não vá para o Vietnã”. Vietnã era a zona. É lógico que eu não ia para lá. Ela disse: “Você não vá para o Vietnã, porque tem uns Federais procurando terrorista”. Eu gelei! Não sei como é que eu fiquei na cadeira. Desconversei. Terminei a janta, fui andar um pouco na cidade, com muito cuidado, e verifiquei, porque tinha um armazém onde a gente fazia as compras e o cara me informou. Eu voltei para o hotel e disse: “Olha, eu já resolvi as minhas coisas. Eu já resolvi tudo e vou embora hoje à noite”. Viajei a noite inteira, de Xambioá, atravessando a Serra das Andorinhas, Paulo, a pé para ir para a Gameleira, porque, veja bem a situação, se eu ficasse em Xambioá eu podia ser preso. Quer dizer, a gente já estava muito visado. Tinha muito problema já na região: cobiça, terra, Transamazônica, o garimpo. A gente andava em Serra Pelada, pessoal. A gente andava por lá e via aquela coisa amarelinha na terra, nas pedras. Aquilo ali, amarelinho, Serra Pelada, Itaipu. Eles falavam: “Olha os mineiros, os paulistas”. O pessoal comentava. Isso ia sendo comentado no curso das coisas que aconteciam na região. Então, eu acho que vários fatores acabaram contribuindo para que fosse descoberto que o PCdoB tinha um trabalho de campo na região.

César: Vocês tinham algumas outras bases fora lá da região do sul do Pará, em Xambioá? Vocês tinham algum apoio logístico, assim, em Goiás, para recursos estratégicos? Tipo, no Pará, no Maranhão ou em Goiás, mais para sair um recuo, depois?

Genóino: Olha, não. A gente tinha, César, como área de recuo, o que a gente discutia era a região do Xingu, enquanto recuo estratégico. Nossa concepção era a seguinte: o sul do Pará, à frente, as cidades do norte de Goiás e do Maranhão; atrás, era selva, a região entre o Araguaia e o Xingu. A gente tinha como área de recuo estratégico o Xingu. Não sabia na época é que o PCdoB tinha alguns companheiros que eram pontos de apoio. Por

²¹ O Movimento de Libertação Popular era uma organização guerrilheira de matriz comunista, dissidência da ALN – Aliança Libertadora Nacional, vinculada à guerrilha urbana.

²² Jeová Assis Gomes.



exemplo, tinha companheiros que eram pontos de apoio na região mais profunda da Amazônia. Um dos companheiros, por exemplo, morava no Acre. A partir do Acre, ele circulava na Amazônia, aquela parte da fronteira. Tinha companheiros que andavam em Colinas. Andaram por lá. Tinha companheiros que andavam em outras áreas do Mato Grosso. Mas não era para implantar a Guerrilha. O núcleo da Guerrilha era o sul do Pará. Era mais como área de apoio, ou uma situação de abastecimento. etc. e tal. Por isso que, quando a Repressão chegou no Araguaia, essa Repressão se estendeu para todas as vizinhanças políticas daquela região.

César: Genoíno, você já falou um pouco da Guerrilha, como se deu a sua prisão. Quantos anos você ficou preso? E como é que foi? O governo tinha um negócio de invisibilidade da Guerrilha do Araguaia. Como é que foi para legalizar a sua prisão nesse processo?

Genoíno: Deixa eu te falar, primeiro, sobre a minha prisão, nesse livro aqui, “O nome da morte”, tem o relato do Júlio Santana, porque ele participou da minha prisão. Ele relata aqui. O nome, aqui, eu vou ler para vocês, porque é o relato dele. Está aqui [lê um trecho do livro]: “A captura de José Genoíno” [mostra para a câmera o capítulo do livro]. Quer dizer, eu fui preso... Eu fui levar uma mensagem para o Destacamento C, não encontrei o pessoal, entrei na área e eu fui dormir no mato. No dia seguinte, eu fui preso. Ele participou da prisão. Não tinha tropas militares quando eu fui preso. Eram pistoleiros, chamados bate-paus, contratados, e estava o Sargento Marra no meio. O Sargento Marra, que era de Xambioá, me conhecia. Isso o Júlio Santana relata. Foi Marra quem atirou em mim. Eu levei um tiro de raspão no braço e caí num chamado impuca. O Paulo sabe bem o que é impuca²³ [risos], aquele amontoado de pau seco, de mata seca, e fiquei lá. Fiquei o dia inteiro no mato, depois, eu fui levado para Xambioá, de Xambioá para Araguaína, de Araguaína para Brasília, de Brasília eu voltei para Xambioá. Fiquei preso um ano, nove meses incomunicável em Brasília, no PIC²⁴. Durante esse período, eu era permanentemente interrogado. Depois, em fevereiro de 73, eu fui trazido para São Paulo,

²³ Moita formada por ramos e cipós entrelaçados, comum nas margens dos córregos e igarapés.

²⁴ Pelotão de Investigações Criminais, vinculado ao Exército, foi um dos maiores centros de repressão política nos anos da ditadura.



passei pela OBAN²⁵, DOPS²⁶, até a Casa de Detenção. Nesse processo, quando eu fui ouvido na Auditoria, e quem quebrou a minha incomunicabilidade foi a Rosa Cardoso²⁷.

César: Como é que foi quebrada a incomunicabilidade?

Genóio: Ela quebrou minha incomunicabilidade através de uma coragem surpreendente. Ela foi no DOPS quando estava incomunicável. Chegou lá e apresentou uma lista de presos. Ela era advogada de uns 10 presos e botou meu nome no meio. O carcereiro não foi vigilante e me chamou lá em cima. Aí, eu assinei a procuração e ela virou minha advogada. Quando fui para a Auditoria, minha prisão passava a ser legal, depois de um ano. Quando eu fui para a Auditoria, fiz dois compromissos com ela: “Eu vou denunciar o desaparecimento de um companheiro” – que está desaparecido até hoje, que é o Edgard Aquino, que estava do meu lado no fundão do DOPS, na solitária – “e eu vou falar da Guerrilha”. Porque eu já percebia que eles queriam me processar pela militância no PCdoB, com o Artigo 14 da Lei de Segurança Nacional. Disse para a minha advogada: “Eu vou falar da Guerrilha”. Porque eu já tinha pressentido que eu era o único preso que estava sendo processado e eu ia falar da Guerrilha. Depois, eu materializei isso num documento, a Carta-defesa, que apresentei na Auditoria. Foi quando *O Estado de São Paulo* fez matérias grandes sobre a Guerrilha e dessa matéria saiu um livro, “Guerra de Guerrilhas no Brasil”, que tem a minha Carta-defesa. Fui para a Auditoria e eu fiz uma defesa do que eu tinha visto no Araguaia, do que eu vivi lá, uma defesa dos companheiros que eu sabia que tinham morrido, denunciei a violência, tudo isso. A partir daquele momento, eu me conscientizei de que a minha tarefa como sobrevivente era relatar tudo que tinha ocorrido no Araguaia que eu sabia. Eu me propus a fazer isso.

Quando eu fui procurado por esses jornalistas aqui, [mostra a capa da revista], o Palmério Dória, o Vincent Carélio, o Sérgio Buarque Gusmão, que nós escrevemos essa revista, da Alfa-Ômega. Eles foram fazer uma matéria sobre a Transamazônica. Chegaram na Transamazônica e encontraram a Guerrilha. Eles fizeram a matéria sobre a Guerrilha, só

²⁵ Operação Bandeirante. Funcionava como centro de informação e investigação, composto por militares do Exército, Marinha e Aeronáutica.

²⁶ Delegacia de Ordem Política e Social.

²⁷ Rosa Maria Cardoso da Cunha (1946) é advogada e professora universitária. Atuou na defesa de presos políticos, com papel de destaque na Comissão Nacional da Verdade (CNV).



que isso era 77. Imagine: censura e tal. Eu sei que essa matéria deles depois foi produzida essa revista. E depois foi produzida a revista, o livro “Guerra de Guerrilhas no Brasil”, que foi produto das matérias do Jornal da Tarde. Eu me propus, César, a relatar o que eu sabia. Para mim, a minha missão era relatar o que eu sabia da Guerrilha. Relatei na cadeia, relatei para as famílias. Fiquei cinco anos preso. Essa é a terceira quarentena da minha vida, viu, César? Fiz a primeira quarentena de 5 anos, a segunda quando eu fui condenado na Ação Penal 470²⁸ e a terceira agora.

Nessa minha experiência, eu achei que eu tinha o dever, com o país, com os companheiros que deram a vida, de relatar o que tinha acontecido. Por isso que, depois, eu fiz um conjunto de reportagem no O Estado de São Paulo, no que saiu no Jornal da Tarde. E eu preparei, está aqui, [pega um documento]. Eu preparei uma Carta-defesa na Auditoria Militar, uma Carta-defesa que eu apresentei na Justiça Militar. Mais ou menos, diz o seguinte [lê um trecho do documento]: “Se querem me condenar, é pela Guerrilha. Não adianta condenar pelo PCdoB” eu era do PCdoB, mas eu era da Guerrilha. Então, é nesse sentido que eu fiz a Carta-defesa na Auditoria Militar, que está nesse livro “Escolhas Políticas” [livro de sua biografia, mostrado para a câmera], que é um dos documentos que eu disponibilizei para essa escritora, a Maria Francisca Pinheiro. Depois que eu saí da prisão, em 77, eu fiz questão de procurar as famílias. E, aí, foi dramático, César, porque eu fui procurar as famílias para dar a notícia: “Olha, eu convivi com o teu filho, com a tua filha e certamente eles morreram”. Mas eu não tinha prova nenhuma, mas eu tinha que relatar. Fazia isso sozinho, andando de ônibus. Foi uma situação dramática, porque alguns companheiros eu conhecia. Por exemplo, o Ribas, a Suely²⁹, a Helenira, o Flávio de Oliveira Salazar³⁰, eu conhecia. No caso do João Carlos, fui procurado pela Sônia Haas. Então, aí eu comecei a relatar o que tinha acontecido com esses companheiros. Para mim, foi uma experiência dramática, porque ela misturava sofrimento com lembranças. Eu achava que o meu compromisso com a memória era fundamental. Por isso que eu participei desses trabalhos, desses livros para resgatar a memória da Guerrilha, porque eu percebi que a memória era negada. Aliás, no caso do Araguaia, você sabe que, dos 70 companheiros que estavam lá, sobreviveram em torno de 15. Dois corpos foram

²⁸ Em agosto de 2020, Genóino foi inocentado do processo que o vinculava ao “Mensalão” pela 3ª turma do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1).

²⁹ Suely Yumiko Kanayama, morta por militares em 1974, no Araguaia.

³⁰ Ciro Flávio Salazar de Oliveira (1943-1972), morto no Araguaia no confronto com tropas do Exército.



encontrados, que eram do Bergson³¹ e da Maria Lúcia Petit³², os outros não foram encontrados. Quer dizer, a ideia é que a memória tem que ser apagada, tem que ser riscada, tem que ser eliminada. E eu fiz uma militância política para resgatar essa memória. Inclusive, eu tenho uma dívida até hoje comigo mesmo. Eu, até hoje, não fiz um retorno à região. Eu fiz apenas uma tentativa, em 83, quando eu fui deputado. Eu estive lá com vários companheiros e deputados, mas eu fui em Xambioá e São Geraldo e Xinguara. Xinguara nem existia na minha época. Nunca voltei lá para conhecer, andar nos lugares. E é um desafio que eu tenho comigo mesmo. Mas eu quero fazer isso sem querer aproveitar politicamente, sem dar noção política. Eu acho que a tarefa principal é das famílias, é encontrar os corpos, é resgatar a memória. Porque eu acho que ainda nós temos uma dívida com os companheiros e com o povo do sul do Pará, que é resgatar a memória. A ideia de resgatar a memória, a memória é vida, a memória está viva. Tem que resgatar essa memória. E eu não queria que a minha ida lá significasse uma projeção para mim. Os heróis não sou eu. Os heróis são os companheiros que deram a vida, né. E a gente tem que resgatar a memória, mas a memória também da população, porque o povo sofreu muito sem... O pior que era um sofrimento que não sabia o quê que era!

Paulo César: Genoíno, você falou sobre os dois corpos que foram encontrados, do Bergson e da Maria Lúcia Petit. Eu quero te dizer, dizer para o grupo, que eu tive a oportunidade de assistir à exumação da ossada da Maria Lúcia Petit, aqui no cemitério de Xambioá. A expedição foi comandada por Fortunato Badan Palhares que, à época, era legista da Unicamp. A minha pergunta agora é: Você tem conhecimento de outros companheiros que foram sepultados em Xambioá? Tem alguma informação sobre isso?

Genoíno: Olha, eu não tenho, Paulo. Eu sabia que o Bergson tinha sido sepultado no cemitério de Xambioá, porque, quando o corpo dele foi trazido, eu estava preso em Xambioá. Eu vi que eles levaram para lá. Era o que eu tinha de concreto. Quando eu fiquei um ano preso lá em Brasília, ficava sabendo de muita coisa que acontecia no sul do Pará durante os interrogatórios. Por isso sei que muitos companheiros foram enterrados em

³¹ Bergon Gurjão Farias, de codinome Jorge (1947-1972), era estudante de Química da UFCE. Primeiro militante do PCdoB morto pelos militares no Araguaia.

³² Os restos mortais de Maria Lúcia Petit (1950-1972), de codinome Maria, no contexto da guerrilha, foram identificados em 1996.



Xambioá, muitos. Até porque eles me apresentavam as fotos, fotos assim de corpo sem cabeça, ou de cabeça, para eu identificar. E, certamente, eles foram enterrados ali. Agora, eu não sei, eu não tenho condições de identificar, Paulo, quem. Sei do Bergson porque eu estava lá! Vi quando o levaram daquele lugar que ficava a Base Militar, que era num morrinho, que levaram ele lá para a cidade de Xambioá. Nesse sentido, no começo eu achava que a gente devia ter feito um processo de pesquisa mais delicado, mais silencioso, mais cauteloso, para identificar os corpos naqueles cemitérios. Como foi o processo de abertura, Constituinte, cada viagem lá – você se lembra, você estava lá, você viu – , cada viagem lá era um grande acontecimento. A imprensa cobria e tal. Certamente, alguns desses corpos foram tirados do cemitério. Por exemplo, quando eu estava no Ministério da Defesa, a gente participou do Grupo de Trabalho do Araguaia e Tocantins, e a juíza Salete tinha, tem um arquivo enorme do material que foi pesquisado nas várias caravanas que foram feitas lá. Paulo, as companheiras que estão aí, vocês sabem que aquela região era uma região de história, de contar história, coisas verdadeiras, coisas aumentadas, coisas criadas. Porque era uma região de memória projetada no imaginário. Porque era uma região, pessoal, muito, vamos dizer assim, era uma espécie de faroeste. Quer dizer, era a Transamazônica entrando. Eu nunca esqueço, quando chegou lá a Transamazônica, aquelas máquinas, o pessoal olhava e dizia: “Olha a boca do monstro!”. As máquinas abrindo aquelas estradas. Então, a Transamazônica era a boca do monstro. Depois, vieram os grileiros para tomar terra, as terras devolutas. Era devoluta porque, inclusive, quando a gente virava posseiro lá, a gente comprava a posse da terra, não comprava a terra. Depois, vem a castanha, a madeira nobre, o mogno, as castanheiras, tudo era muito poético, nesse sentido de grandioso. Lá tinha gente do Ceará, tinha gente do Maranhão, tinha gente de Goiás, tinha gente do Piauí, tinha gente inclusive fora da... do Sul, tinha gente do Rio Grande do Sul. Era uma área de cobiça, era uma área de penetração, uma área de corrida. E nós estávamos naquela corrida, entendeu? E a gente vivia intensamente aquele processo. Ah, sim, eu vou mostrar aqui para vocês a Carta que eu fiz para a Auditoria Militar. É essa aqui [Mostra, no livro, a Carta]. Essa Carta, eu fiz na Auditoria Militar aqui de São Paulo, quando eu fui julgado, eu fui condenado a 5 anos, e essa Carta-defesa que eu relato o que eu sabia do Araguaia, que está neste livro. Eu estou mostrando essas coisas porque isso faz parte da documentação.



Luiza: Na memória social, no que circula aqui na região, há muitas histórias. Por exemplo, sempre há um sujeito que fala que é o filho da primeira pessoa que foi vítima da guerrilha, cada um tomando para si uma parte da história. E, em relação ao Oswaldão, ficou um mito. Ele vai aparecer nas narrativas como um ser da floresta, que andava com sapato ao contrário, como se fosse o Caipora, para poder esconder os passos na floresta. Uma ex-aluna falou que para ela, quando era criança, em Araguatins, o Oswaldão e a Dina eram mitos, eram como super-heróis. O modo como eles olhavam, o modo como eles se escondiam na floresta, sumiam e reapareciam em lugares diferentes... Como é que é a sua percepção em relação a isso?

Genoíno: Olha, Luiza, em primeiro lugar, eu morava na mesma casa que o Oswaldão. E eu andava muito com ele, porque a minha história no sul do Pará é que eu era sócio do Oswaldão, porque eu era sobrinho do Amazonas, que lá chamava Cid. Então, a casa onde eu morava, a choupana, era junto com o Oswaldão. Já que você está falando do Oswaldão, a minha emoção e a minha inteligência viajam. Quando eu fui preso, eu fui preso no dia no dia 18. No dia 16, durante o dia 16, eu fui fazer um trabalho na mata com o Oswaldão, eu e ele. E o trabalho que a gente ia fazer ia gastar dois dias no mato. E não deu certo, porque os equipamentos que a gente levava não deram para cavar. E eu não voltei com ele. Se eu tivesse ficado com ele, eu não teria sido preso. Então, eu tinha uma relação muito forte. E o Oswaldão, é interessante, primeiro o tamanho dele; segundo, que ele calçava 45. Eu, inclusive, mandava fazer os sapatos dele em São Geraldo, que era um sapato especial, porque ele calçava 45/46. E ele, como ele era caçador – porque ele foi caçador e foi garimpeiro – era uma figura muito conhecida na região. E ele era conhecido também porque ele atirava bem, era corajoso, já era um mito quando eu cheguei lá. Na eleição de 70, o Mutran queria que o Oswaldão fosse candidato a vereador pela ARENA³³. A gente teve a maior saia justa para desistir desse negócio dele ser candidato a vereador. A gente estava lá para fazer guerrilha. Era uma pessoa muito querida, muito amável. Tinha as histórias dele, da família dele, a questão deles... do movimento... a questão do racismo que ele já colocava. Aliás, duas pessoas que no Araguaia, mesmo com aquele certo pragmatismo da esquerda, colocavam essa questão do racismo: era o

³³ Aliança Renovadora Nacional, partido pró-governo, alinhado à direita e extrema-direita.



Oswaldão, que era preto no sentido radical; e a Helenira Rezende de Sousa Nazaré. Inclusive, a Helenira colocava essa questão já na guerrilha. Como o primeiro combate que teve morte foi com o Oswaldão, a cabeça dele foi a prêmio. E ele atirava muito bem, o pessoal sabia disso.

A Dina³⁴ era uma companheira que não era do meu destacamento. Ela era do Destacamento C, mas eu conhecia a Dina no Rio de Janeiro, que ela era da Petrobrás, funcionária da Petrobrás, e o Antônio também, que era o marido dela. A Dina era geógrafa, e foi ela quem nos ensinou a técnica de fazer mapas da região. Você sabe que os mapas da região a gente fazia na mão. A gente pegava a bússola, com a bússola a gente marcava um ponto de referência, por exemplo, uma árvore, um rio ou uma casa, e a gente ia andando e marcando de 5 em 5 minutos o azimute da bússola. Quer dizer, a bússola tem o norte magnético e tem o azimute. A gente ia marcando o azimute. Depois, você pegava aquilo e botava num papel seda, que não molhava. E aquilo ali era o mapa preciso. E ela nos ensinou a fazer isso.

Por outro lado, uma coisa que marcou muito as companheiras de lá, a Dina, a Suely, a Helenira, é que a gente tinha uma relação de igualdade, viu, Luiza, com as companheiras. Todo mundo fazia tudo. E elas diziam: “Olha, eu vou fazer isso não é porque eu sou mulher. Eu vou fazer isso, mas é porque eu atiro melhor do que vocês. Eu vou fazer isso porque eu comando melhor! Eu vou fazer isso porque eu tenho mais condições do que vocês, não é porque vocês vão fazer uma concessão porque eu sou mulher! É porque eu sou melhor para fazer tal coisa. Eu vou comandar esse exercício porque eu sou melhor, eu vou nadar porque eu sou melhor”, nesse sentido da afirmação. Então, eram companheiras, assim, muito determinadas. E a Dina, baiana, aquela pose que ela tinha, aquela elegância da mulata, era muito bonita aquela elegância da mulata, aquilo ali tudo era uma estética, como era a do Oswaldão. Essas figuras viraram mito. O quê que acontece, Luiza? A região era muito propícia para essa coisa de mito, crença, de história, porque era uma região de colonização. Você não tinha uma história. Aliás, eu dizia muito na época que a região era uma região que não tinha aquele costume tradicional, aquela coisa da família, aquela coisa do casamento, aquela coisa da hierarquia, como é no Nordeste, como foi a escravidão. Não tinha isso! Era uma região muito aberta, de

³⁴ Dinalva Oliveira Teixeira (1945-1973).



colonização com gente de várias origens, de várias procedências; E tinha gente que você não sabia... não ia perguntar a vida dele. Ou tinha praticado alguma coisa, ou teve crime, ou teve morte, e ninguém ia perguntar. A gente tinha uma relação de ouvir e, também, isso nos ajudava a não ter que explicar de onde a gente veio. Era uma certa cumplicidade de como a gente vivia naquela região. Por exemplo, quando a gente teve um episódio lá, que foi muito marcante, com o médico, o doutor João Carlos, o João Carlos Haas, que foi... que foi levado o corpo dele, parece que levaram para Tocantinópolis, nós estávamos lá no Araguaia, quando a gente estava na preparação, e uma camponesa, a Tuca, que era enfermeira, casada, portanto ela podia assistir aos partos, e ela foi assistir a um parto de uma camponesa. E ela veio desesperada e disse para nós: “Olha, a mulher vai morrer, porque o filho morreu durante o parto. O que eu faço?”. Aí, nós começamos a conversar com o João Carlos: “João Carlos, e agora?”. Ele disse: “Eu estou a fim de fazer a cirurgia”. “Mas isso vai revelar”. “Não. Eu digo que eu sou curandeiro e eu vou fazer a cirurgia sem anestesia. E vou salvar a mulher”. E ele fez isso, salvou a mulher, e ele disse que era curandeiro. Então, você dizer que você era curandeiro na região não tinha problema nenhum de ser curandeiro. A ideia de curandeiro, porque não tinha médico na região. Não tinha médico. Padre, eu não me lembro de ter assistido a uma missa lá durante os dois anos que eu vivi no sul do Pará. Eu sabia que tinha missa lá em Marabá, às vezes em Xambioá, mas na região ali eu não me lembro, viu, Paulo. Santa Cruz, Santa Isabel, eu não me lembro de missa.

Tinha figuras que andavam na região, ou perseguidas ou não, que eram meio místicas. E essas pessoas gostavam na gente, primeiro que a gente era diferente, né, vamos combinar entre nós aqui. Alguma coisa era diferente. Aí, as pessoas gostavam de andar com a gente no mato, da gente ficar junto. E a gente ficava... Por exemplo, eu andava muito da Serra das Andorinhas. E a gente andava naqueles locais misteriosos da Serra das Andorinhas, aquelas grutas, aquelas casas de pedra. E o pessoal gostava da gente. A gente iria descobrir tudo, porque fazia parte do treinamento. Então, qualquer coisa que fosse dali a gente queria descobrir, porque fazia parte do treinamento. A gente não era de ficar na casa, morando ali. Quanto mais, melhor, no sentido de se movimentar com a população. E nesse sentido a gente fazia esse trabalho. Por exemplo, atirar como mateiro, como pesquisar, como descobrir coisa de garimpo. Porque o garimpo você tem que conhecer a selva, na época, para descobrir o garimpo. A gente não ia explorar garimpo, mas a gente,



através do garimpo, descobria a selva. Matar onça, por exemplo, era uma coisa que a gente queria aprender. Agora, só que era perigoso, porque a gente ficava trepado numa árvore, imitava a onça com aquela cúca, ela respondia no meio do mato - era um exercício, assim, dramático. Quando ela chegava, a gente botava a lanterna no meio dos olhos e atirava no meio da cara. Se não matasse, estava ferrado. Tinha um pouco de aventura nesse processo que a gente vivia na região. Tinha um pouco de aventura poética. Tinha alguns companheiros que a gente dizia que estava sob adaptação excessiva, porque a gente gostava tanto que a gente se adaptava. Ir para a cidade era meio chato, botar aquelas calças jeans. A gente preferia ficar com outro tipo de roupa, porque era no mato mesmo.

Como a gente tinha uma formação ideológica muito intensa, a gente todo dia fazia discussão, fazia debate. A direção do partido, que era o Grabois³⁵, o Amazonas, o Arroyo³⁶, o Zé Carlos³⁷, o próprio Oswaldão, dava muita orientação. A gente tinha um processo de emulação muito forte naquela região, entendeu? É tanto que, quando a gente foi descoberto, a gente dizia: “Finalmente, vai começar essa história”. Porque a gente ficava lá há tanto tempo, tanto tempo. Não vai ter! Quer dizer, sabe? Eu estou só mostrando para vocês como é que era o estado de espírito daquela vida como camponês na região do sul do Pará.

Eu não conhecia os outros destacamentos. Eu não conhecia nem o C, nem o A. Eu conhecia o B, que era o de que eu participava. Nesse sentido é que a gente fazia essas experiências, que eram uma mistura de risco, que era viver na selva, porque a vida na selva era arriscada. É muito arriscado você viver na selva. Eu estou falando de selva selva, não estou falando do que é hoje, porque hoje a região é muito devastada. Naquela época, era selva virgem. A gente ficava 5 dias no mato, a gente ficava meio verde, porque a clorofila ficava, pegava. Ficava meio verde, porque não tinha sol, aquela coisa verde por baixo. E a gente ficava meio esverdeado. Mas aquilo ali, só para vocês terem uma ideia, aquilo ali era romântico. Por exemplo, a gente entrava no mato e vinha nadando nos rios. Sabe aqueles rios por dentro da selva, que faz aquelas curvas? A gente ficava nadando,

³⁵ Maurício Grabois (1912-1973) foi uma das principais lideranças comunistas no Brasil, um dos fundadores do PCdoB, morto no Araguaia.

³⁶ Ângelo Arroyo (1928-1976) foi dirigente do PCdoB, integrante da Guerrilha do Araguaia. Foi morto em São Paulo por policiais militares num episódio conhecido como Chacina da Lapa.

³⁷ Codinome de André Grabois (1946-1973), filho de Maurício Grabois. Morto no Araguaia.



pegando coisa. Lógico que aí tinha jacaré, tinha cobra, mas a gente nunca teve esse tipo de problema. Alguns companheiros tiveram mordida de cobra, aí tinha soro. Porque, quais eram os remédios que a gente tinha lá? Soro antiofídico, remédio de malária – malária era um problema para nós. Eu peguei várias vezes malária – e leishmaniose. Essas três coisas que mais nos ameaçavam. E a malária era pior, porque a malária, quando a gente pegava a malária, você ficava no mínimo dois dias deitado, dois dias no chão, porque o processo derrubava literalmente.

Eu peguei, mais ou menos, em torno de 15 malárias. É porque é a chamada malária crônica, porque ela fica se repetindo. E tem a malária mais violenta, Paulo, a *falciparum*, que é a maligna. Se você não tomar soro na veia com o quinino, é arriscado. Uma vez, o Oswaldão pegou essa malária, a *falciparum*, e a gente precisava aplicar soro nele. Olha, ninguém tinha experiência de aplicar soro. Aí, fomos pegar a veia do Oswaldão, difícil pegar, amarrar, para aplicar o soro. E, aí, como fazia parte do treinamento, você aprendia essas coisas. Uma vez a mosca varejeira entrou no ouvido de um companheiro. Você sabe qual é a consequência: berne. Tirar berne do ouvido com creolina doía para caramba. Eu arranquei um dente siso lá naquele sistema daquele alicate tradicional de dentista, porque tinha um companheiro que era experiente disso, o Lourival³⁸, sem anestesia. Teve também a Grabois. O Grabois ficou permanentemente no Araguaia, inclusive, ele tinha problema cardíaco. Quando o mataram, ele estava praticamente cego, mas não saiu da região. Ficou na região. O filho dele morreu lá, o genro dele. A família Petit, que eram dois irmãos e uma irmã. Eram coisas, assim, que tiveram marcas muito fortes na experiência que a gente construiu naquela região. Eu diria para vocês que naquela... naquele chão do Araguaia, naquelas picadas, Paulo, que você já conhece, você andou - Gameleira, Santa Cruz, Santa Izabel, Serra das Andorinhas, que era a região onde eu vivia -, ali a gente plantou muita esperança. Agora, também, nós sofremos muito as marcas de um processo selvagem, bárbaro, que aconteceu ali. Não é brincadeira o que a gente via naquela região. Eu, por exemplo, eu fiquei na... como eu ficava na Base Militar, eu ficava vendo tudo o que acontecia, e no entorno da Serra das Andorinhas.

³⁸ Lourival de Moura Paulino, camponês, amigo de Oswaldão, encontrado morto em cela de Xambioá.



César: Genoíno, você falou que foi visitar os familiares dos militantes mortos. Havia repressão por parte da corporação militar, para evitar que você falasse? Para evitar que você visitasse? E também, de certa forma, como é que o PCdoB via essa visita? Como é que o PCdoB tratava?

Genoíno: Eu acho, César, que você abriu uma janela que é importante, na medida em que eu estou colocando as coisas para vocês de maneira muito franca, porque é memória. Em primeiro lugar, eu procurei as famílias que eu conhecia os seus integrantes quando fazia o movimento estudantil. Vou dar o exemplo: a Sueli, que eu conhecia no movimento estudantil; o Arildo³⁹, que era de Cachoeiro do Itapemirim, que eu conhecia; o Ribas, porque conhecia o irmão dele. Eu estou te dando esse exemplo. Eu fazia isso meio clandestinamente. Eu tinha saído da cadeia, eu dava aula no cursinho Equipe. Eu saí da cadeia, fiquei cinco anos, fui dar aula no cursinho como professor de História. As pessoas não sabiam, os alunos não sabiam de onde eu tinha vindo. Eles me achavam um cara meio estranho – aquela época dos cursinhos de 300 alunos e *show* no tablado. Eles me achavam meio estranho, mas eu me virava para sobreviver. Não tinha atuação política, em 77, 78. Eu não tinha atuação: não era candidato. O PT seria criado em 80. Eu morava em São Paulo, não era conhecido. Você sabe que eu virei Corinthiano, em 77, por causa da minha situação. Quando eu saí do Araguaia preso, quando eu fui preso, eu fui dar aula no cursinho. Quando eu andava na rua, tinha momentos que eu parava. Susto psicológico. Você para! Tem medo de atravessar a rua. Eu falei com o médico e ele disse: “Não, não tem problema não. Você tem que entrar no meio de uma multidão, mas não pode ter polícia no meio, senão aprofunda”. Aí, ele disse “Vai ter um jogo: Corinthians e Ponte Preta. Vai lá no estádio”. E eu fui, rapaz. Cinco horas da tarde, eu estava lá. Ninguém me conhecia! A coisa mais feliz do mundo era eu entrar num estádio. Depois de 68, era a primeira grande manifestação com mais de 100 mil. Eu abraçava, eu beijava, eu apertava as pessoas e ninguém me pedia o nome, nem eu pedia o nome das pessoas. Estádio de futebol era assim. Então, estou só de explicando que eu vivia meio clandestino aqui em São Paulo. Tinha acabado de sair da prisão, era Ditadura, né. Eu só fui começar a aparecer na pré-campanha eleitoral de 81, 82. Aí, mas eu fazia esse trabalho sem controle da

³⁹ Arildo Airton Valadão (1948-1973).



repressão. Eu era seguido, quando eu saí da prisão. Apesar de ter cumprido pena, eu era seguido. Eu notava que era seguido. Quando ia pro cursinho, eu ficava no cursinho e notava que eu era seguido. Mas esses contatos eu fazia legalmente. Eu tinha uma cobertura, eu tinha uma história legal. Procurava beltrano e sicrano porque eram meus amigos, e eu estava procurando.

Mas eu fiz isso, César, com a ideia de que a minha tarefa era recuperar a memória dos companheiros que deram a vida no Araguaia. Eu jamais poderia deixar o que eu sabia escondido. Para mim, isso era uma obsessão, desde que eu fiz a carta na Auditoria Militar. Inclusive, a minha advogada disse: “Você vai fazer essa carta, mas essa carta é condenação certa”. Eu disse: “Eu vou ser condenado, não interessa mais ou menos”. Então, aí, isso para mim era uma questão da memória. A memória para mim, e por eu quero bater nisso aí - depois eu entro na outra questão -, a memória para mim, César, era uma questão de vida. Até hoje... E, depois, eu li um texto muito bonito do... do Leonardo Boff, ele dizendo que a memória é subversiva. A memória te explica de onde você veio, o que você é e para onde você vai. E a classe dominante brasileira sempre teve uma relação de negar a memória. Por isso que eu digo isso, que vocês estão fazendo um esforço de colocar na Universidade do Tocantins essa questão de resgatar uma memória. E a memória como ela... com as várias versões. A memória não tem uma única versão. A memória não é totalitária. A memória não é maniqueísta. A memória é o que o ser humano fez enquanto fator subjetivo. Então, isso para mim era fundamental.

Esse foi um dos motivos que me levou a iniciar algumas divergências com o PCdoB, porque, quando eu saí da prisão, em 77 – foi logo após a queda da Lapa⁴⁰ –, a direção do PCdoB tinha uma postura de dizer o seguinte: “O Araguaia não acabou. Nós temos que defender o Araguaia, Guerrilha Heroica”. E eu dizia: “Não. Nós temos que prestar contas à população, relatar o que aconteceu. Está vindo um processo de democratização e nós temos que discutir o Araguaia”. Foi uma experiência heroica, voluntariosa, legítima. Porque a minha geração, a geração do Araguaia, só tinha três alternativas: ou ia para o exílio, ou se ia preso, ou ia para clandestinidade. Eu disse: “Nós temos que homenagear os companheiros e contar a história”. E eu tive... O PCdoB, a direção da época não concordava muito com essa questão. Havia uma certa ressalva, que o PCdoB fazia. Mas,

⁴⁰ Referência à chacina que matou militantes do PCdoB em São Paulo, em 1976.



nessa época, eu era do PCdoB, mas não era militante orgânico. Então, eu achava que a gente tinha que relatar o que sabia, o que conhecia, e fazer uma espécie de avaliação política. Esse debate foi para o Comitê Central, e ele estava nos relatos da Queda da Lapa, principalmente a posição puxada por Pedro Pomar⁴¹, que foi assassinado na Lapa.

Havia, portanto, um debate interno no PCdoB sobre o significado do Araguaia, a avaliação do Araguaia. E eu me alinhava com as posições iniciais do Pedro Pomar e de outros companheiros, que era discutir o Araguaia. Acho, inclusive, que a gente tinha que ter tomado a iniciativa de colocar tudo isso publicamente, principalmente quando veio a democratização e o fim da censura, que foi 78... É tanto que, quando dava aula no cursinho, eu fui procurado pelo jornalista Fernando Portela, do Jornal da Tarde. Ele me procurava lá e dizia: “Eu preciso de um ON, porque eu tenho um OFF dos militares sobre a Guerrilha”. Ele foi lá, ele tinha todo o material da Guerrilha - “mas sem um ON eu não faço essa reportagem. Você foi preso, tem carta-defesa. Você tem que dar um ON”. E eu disse que não dava, porque eu sabia... “acho que o Estadão ia sacanear”, era isso o que eu dizia para ele. Aí, eu consultei meu então advogado, o Luiz Eduardo Greenhalgh: “Luiz Eduardo, o quê que eu faço?”. Aí, ele disse: “Você coloca uma exigência que eles não vão cumprir”. Aí, um dia, o cara chegou para mim, um sábado à tarde. Eu tremi na base. Ele chegou para mim e disse: “Olha, amanhã, o jornal vai divulgar quem sobreviveu e os militares não querem falar sobre a Guerrilha. Vocês estão se omitindo perante a História”. Aquilo ali me deixou... na hora, numa coisa pior do mundo que eu vivi. Porque eu tinha medo de falar e o jornal manipular. Eu perguntei ao advogado e ele disse: “Não, você pode... coloca uma exigência que ele não cumpre. Aí, você tem uma desculpa”. Qual era a exigência? Eu disse: “O que eu falar e os documentos que eu entregar serão respeitados na íntegra. Aí, o dono do jornal tem que me dar uma carta”. Nessa época, não tinha celular. O Fernando Portela foi num orelhão em frente ao Equipe, aqueles orelhões verdes e ligou para o Mesquita e disse: “Olha, o cara topa, mas você tem que levar uma carta”. Ele disse: “Amanhã, bem cedinho, leva a carta para ele”. Aí, nasceram essas reportagens. Isso foi... foi uma coisa que eu fiz, mas isso aí gerou problemas na esquerda, porque foi uma avaliação muito traumática. Não foi fácil. Foi muito duro, muito choro, com muito pesadelo, porque você fazer uma avaliação com mortes! E mortes não eram quaisquer

⁴¹ Pedro Ventura Felipe de Araújo Pomar (1913-1976) foi fundador do PCdoB, morto no Comitê Central do partido.



mortes. Então, foi um processo muito violento, muito duro. E eu vivi isso intensamente, porque eu era sobrevivente, eu tinha sido processado, tinha a minha carta na Auditoria. Então, eu tinha que divulgar. E eu resolvi divulgar. Como o jornal publicou numa semana as grandes fotos, inclusive eu tenho até hoje, aquilo ali deu muita repercussão, muita repercussão. Os alunos para os quais eu dava aula conheceram a minha história com o jornal. Um dia, eu entro na sala para dar aula no cursinho, os alunos parados, tudo traumatizado: “E aí, professor?”. Disse: “Não, vamos dar aula, passar no vestibular, pá, pá...”. “Não, não, não. O problema é isso aqui”. Aí, eu disse: “Não, eu tenho um acordo com a direção do cursinho de não falar desse assunto em sala de aula. Eu falo no recreio”. O Equipe, nessa época, tinha um pátio, onde o Serginho Groisman fazia os shows com a Maria Bethânia, o Gilberto Gil, Caetano Veloso. Aí, eu digo: “Lá no pátio, eu falo. Aqui dentro da sala, não”. Aí, eu falava da Guerrilha, como é que era. A única restrição que eu fazia era que nós, sobreviventes, não devíamos voltar ao Araguaia. Quem devia ir para o Araguaia eram as famílias, porque eu separava a questão da memória política e a questão do direito humano das famílias enterrarem os seus integrantes, que a gente tinha que separar para não misturar. Porque, se a gente fosse para lá, ia ser interpretado como se a gente estivesse fazendo política com o Araguaia, e eu não queria isso aí. Isso gerou divergência, muita dificuldade. Hoje, a gente discute essas questões com maior naturalidade, mas a minha relação com o PCdoB, César, que tem uma relação respeitosa... Eu tenho uma relação de considerar a importância da minha militância no PCdoB no Ceará e, depois, no Araguaia, na UNE. E eu considero muito, mas foi uma coisa muito dramática: como conviver com essa história toda? E você sabe que aconteceu uma coisa pior, que pela primeira vez eu estou revelando para vocês aqui. Como eu era sobrevivente, a gente tinha uma culpa por ter sobrevivido. Era barra pesada, porque os companheiros morreram, eu sobrevivi. Por que que eu sobrevivi? Então, eu sentia culpa por ter sobrevivido. Olha a loucura que é! A quantidade de pesadelo, a quantidade de noite mal dormida, a quantidade de coisas interiores... Porque esse é um lado da história, um lado que... (Normalmente, eu estou colocando isso pela primeira vez para vocês porque eu não posso deixar de analisar todos os aspectos dessa memória que vocês estão fazendo para uma universidade que, quando eu estava aí, não existia, porque não tinha nem Tocantins, tinha norte de Goiás. Então, eu acho que eu tenho até um dever ético comigo mesmo de colocar essas coisas) foi muito! Olha, 79, 80, aí, depois, eu fui para o



PT. Aí, melou tudo, porque eu era do PCdoB, fui para o PT. Era uma outra proposta, e isso aí foi todo um processo de disputa.

Quando eu fui candidato, em 82, eu fui candidato por causa da nominata do PT e acabei sendo eleito. Fui eleito deputado federal. Com quem eu me encontro no Parlamento? Curió⁴²! Curió! Me encontro no Parlamento com o Curió. Olha que coisa: eu me encontro lá com ele. Aí, eu disse, eu disse para ele, e o que eu disse depois para o atual Presidente, que eu prefiro não citar o nome, que a nossa relação tinha que ser em nome do decoro; era uma relação de silêncio mútuo. Eu não podia dar a mão, nem podia falar. Eu não podia dar a parte, nem pedir aparte. Mas, na medida em que a gente estava convivendo no mesmo espaço democrático, a gente tinha que se orientar pelo silêncio mútuo. Não foi brincadeira, viu? Não foi brincadeira! Porque era a imagem que percorria aqueles corredores da Câmara, aquele corredor da Câmara, do Senado. Aquela imagem percorria uma história traumática. Isso era pela direita e, às vezes, também, César, pela esquerda, porque mesmo... veja bem, mesmo - também estou revelando isso, porque faz parte da memória - mesmo com as famílias. Algumas famílias eu conhecia, a família, quando eu era estudante. Eu quero deixar claro que, quando eu fui participar do traslado dos restos mortais do Bergson, a mãe dele era bem velhinha e, aliás, 15 dias depois, ela faleceu. Parece que ela estava esperando para enterrar o Bergson. Quando eu fui lá, o pessoal dizia: “Pô, mas ele morreu e você está vivo”. Veja bem o drama que isso aparece. Quando eu fui em Cachoeiro do Itapemirim, a terra do Arildo, o pessoal dizia: “Você escapou. Você ficou preso, mas a pessoa morreu”. Eu dizia: “É. Eu estou relatando”. O quê que eu ia dizer? Eu não tinha o que dizer! Eu dizia para a família: “Eu estou dando a informação para aumentar a dor ou aliviar a dor. Eu não posso ficar com essa informação só para mim. Fui na casa da Suely. Convivi muito com ela, porque era do movimento estudantil aqui de São Paulo e era do meu destacamento. E a Suely era, assim, uma figura marcante, japonesa. E quando fui na casa da mãe dela... A mãe dela demorou a marcar, porque o pai e os irmãos eram bem reacionários, e a mãe não. Aí, a mãe marcou uma hora em que eu fui lá. Aí, a mãe disse: “A minha filha saiu, e apareceu a história que ela tinha virado prostituta. Ela virou prostituta?”. Eu disse: “Não!”. Aí, eu contei toda a história para ela.

⁴² Sebastião Curió Rodrigues de Moura (1938 -), atualmente coronel da reserva. Um dos principais agentes no combate à Guerrilha do Araguaia, responsável por ações de inteligência do Exército. Está relacionado a mortes e tortura de militantes do PCdoB e camponeses.



Aí, ela perguntou para mim: “Você acha que a minha filha morreu feliz?”. Aí, eu disse: “Sim!”. Aí, ela disse: “Está resolvido. Eu estou feliz. Está resolvido tudo. Para mim, era isso o que eu queria saber”.

Sabe essas coisas dramáticas, que você vive de relações humanas? E, aí, também, eu aprendi muito, César, que a política, ela é feita por gente de carne e osso, de sentimento. Por exemplo, eu encontrei a irmã da Helenira, que foi outra que eu encontrei. A irmã da Helenira tinha uma história em Assis; o pai dela foi médico. E, aí, a menina, a gente tinha uma relação muito intensa, porque ela foi da UNE comigo. E a irmã dela era pesquisadora da Faculdade Paulista de Medicina. Eu fui, eu descobri a irmã dela e fui lá. Conversei com a irmã dela. A irmã dela disse: “Eu estou fazendo a minha tese. Eu vou dedicar a minha tese à Helenira”. Ela tirou nota 10, com louvor, fez a tese. Alguns meses depois, ela morreu de câncer, a irmã da Helenira. São situações assim dramáticas. E eu dizia sempre: a história, a saga desses companheiros do Araguaia tem que ser recolocada noutro patamar, porque o heroísmo deles; eu sei por que eles passaram. O que eu passei foi fichinha perante o que eles passaram. O que eles passaram, o que eles viveram. E contar isso aí faz parte da vida. Eles estão vivos porque eu estou contando isso para vocês.

A minha ideia, César, é que a esquerda tem que ser esquerda no sentido radical da palavra. Ser esquerda é não ter medo da verdade, ser esquerda é compreender a liberdade do ser humano pra valer, ser esquerda é resgatar todos esses valores, que representaram uma geração. Porque a Geração de 68, a Geração do Araguaia, como a geração da ALN, da VAR-Palmares, a Geração do MR8, foi uma geração que jogou tudo. E essa geração tem que ser lembrada dessa maneira. Por isso que eu me empenhava muito em contar isso.

Quando eu fui eleito Deputado Federal em 82, o pessoal disse: “É, você eleito porque, também, a imagem da Guerrilha te ajudou”. Não é bem assim! Mas eu não podia omitir a imagem da Guerrilha, porque eu era sobrevivente. Eu era sobrevivente de um processo de escolha política. Por isso que eu dizia: “Eu nunca vou me arrepender”. A discussão sobre o Araguaia, se a gente faz uma discussão, eu me disponho a essa avaliação. Por exemplo, eu acho que dificilmente a gente seria vitorioso, naquelas condições. Eu acho que a experiência de foco era pouco provável. A experiência da gente repetir no Araguaia o que aconteceu na China e no Vietnã era pouco provável, porque o Estado Brasileiro era um Estado autoritário, muito controlador. Em um mês, eles rasgaram o sul do Pará de estradas e picadas para controlar tudo! Então, era um Estado muito autoritário, um Estado



forte economicamente e uma ditadura que censurou! Olha bem a loucura: o Araguaia só ficou conhecido depois que ele acabou. Era para ser conhecido quando ele estava existindo, e ele passou a ser conhecido quando ele acabou. Tanto que o único jornal que deu uma notinha sobre o Araguaia foi O Estado de São Paulo, que foi lá fazer uma matéria sobre a Transamazônica. Porque os jornalistas iam lá para fazer a matéria sobre a Transamazônica e encontravam a Guerrilha, porque ninguém sabia. E eu acho que esse processo ensina muito, César e Paulo e Luiza e outros que estejam assistindo, ensina muito no momento em que a gente está vivendo. Nós estamos vivendo um momento de escuridão, um momento de tristeza, um momento de perplexidade, um momento que a gente não imaginava. E eu acho que falar dessas coisas é, também, encontrar luzes e motivos para a gente lutar. Vocês estão vivendo uma experiência heroica na universidade. Vocês sabem o que significa viver aí, nessa região. Enfim, tudo isso vale a pena. Então, viver intensamente vale a pena!

Luiza: Genoíno, a disciplina que César e eu ministramos neste momento trata do testemunho. É uma recorrência que vemos em relatos como o de Primo Levi, que vai falar da experiência dele no Campo de Concentração de Auschwitz, o sentimento de culpa por ter sobrevivido. A violência é tão grande que a pessoa ainda se culpada por ter sobrevivido, o que é tema recorrente em outras narrativas de pessoas que se tornam, inclusive, escritoras, porque precisam narrar, porque não podem calar essa memória. Porque têm que honrar a memória daqueles que não podem mais narrar porque morreram. Então, essa sua fala é uma fala é como a desses sujeitos que se comprometem com a memória. Mas eu queria te perguntar uma coisa. Assim que eu cheguei ao Tocantins, em 2004, recebi em minha casa o Zezinho do Araguaia. Ele falou assim: “Olha, quando eu saí de São Paulo para cá, eu sabia que eu estava sendo vigiado. E, quando eu comprei minha passagem, eu sei que tinha alguém me seguindo”. Na época, pensei que fosse improvável por estarmos em uma democracia. Era governo PT, era o Lula o presidente. Como é que você vê? Em algum momento, arrefeceu esse controle, essa vigilância sobre você?

Genoíno: Olha, Luiza, em primeiro lugar, eu, ontem, veja bem que coincidência, ontem... anteontem, eu estava fazendo uma *live* com um deputado, o Carlos Zarattini, e



estava um professor do Rio de Janeiro que dava aula nas Escolas Militares. Ele disse: “Olha, Genoíno, que coincidência. Eu estou lendo aqui um documento da CNI de 87 e cita você”. Em plena Constituinte e eu no segundo mandato de deputado federal, na Constituinte de 87. Então, a gente... a pior coisa para o ser humano, Luiza, você colocou muito bem, é quando o ser humano é controlado, quando o ser humano é vigiado, quando o ser humano não tem autonomia. Eu vivi muito isso quando eu estava na clandestinidade e quando vivia no Araguaia. Então, esse processo é um processo meio dramático, porque por isso que o totalitarismo, nas palavras da Hannah Arendt, e nas palavras dos que escreveram sobre essa questão do controle do indivíduo, nada legitima você controlar as pessoas, controlar no sentido da autonomia. Porque a grande do ser humano é ele ser sujeito, é ele ser autônomo. Por isso que eu gosto muito daquela frase do Victor Serge: “Quando o ser humano se humilha, ele morre”. A morte, a luta é só o risco de morrer. Quando você luta, você pode morrer, mas você está com autonomia. Agora, quando você é manietado, quando você é dominado... Por exemplo, por que que a tortura é uma coisa terrível? Porque você se assusta do ser humano fazer aquilo. A primeira coisa: o ser humano se assusta. Segundo: a tortura é a divisão entre a razão e a mente... entre a razão e o corpo. A mente quer uma coisa e o corpo quer outra. O corpo diz: “eu não aguento”. A mente diz: “Não fala!”. Você fica nessa luta. E você tem razão, porque quando você coloca essa questão da discussão sobre o Araguaia, memória. A classe dominante no Brasil nunca gostou da memória, Luiza. Vocês são pesquisadores, vocês sabem disso. Desde o Rui Barbosa, que ele não queria a memória dos quilombos. Não basta só matar. Você tem que eliminar a memória. Então, esse é um problema duplo: você mata e mata a memória. De uma certa maneira, a gente viu esse dilema no Araguaia, porque, além de ter dezenas de companheiros que morreram e a gente não sabe onde estão, a memória também foi morta. Tentaram matar a memória! Por isso que resgatar essa memória não é ser a favor ou contra a Guerrilha. A memória, ela tem uma autonomia enquanto vida. A memória, você traz para o momento, você traz hoje, porque ela, como a vida, se transforma.

Do ponto de vista revolucionário, a memória não é um nicho, que você adora na parede. A memória é sentimento, paixão, afeto, opções e escolhas. Nesse sentido, eu acho que você tem toda razão. Quando você vive um sistema de perseguição, por exemplo, esse fundamentalismo maniqueísta, esse risco de matar, esse apego à morte, mesmo essa



questão agora da pandemia... Quer dizer, a vida, nesse sistema capitalista, a vida parece que é uma coisa. A vida é uma dimensão ampla, afetiva, espiritual, cultural, física, sentimental. É uma coisa de viver, que vale a pena viver! E eu aprendi, Luiza, que a luta é uma maneira de viver, porque sem luta eu não conseguiria viver. E a luta, às vezes, Luiza, é um olhar. A luta, às vezes, é o cara que me deu a água quando eu estava na cela lá em Carolina do Norte. A luta é quando eu estava no PIC, cantava músicas, que era proibido cantar. Era assobiar a Internacional e o outro companheiro responder e a gente identificar que era preso político. Que a gente ficava assim; tinha uma maneira de se comunicar. A luta é fazer uma greve de fome. A luta era a gente se comunicar esvaziando a água do aparelho sanitário, para fazer do aparelho sanitário um telefone com a outra cela. A luta, às vezes, é você aprender o Alfabeto Morse, que é um ponto e dois pontos. E você vai descobrindo.

Porque eu aprendi, nessa situação, que o ser humano tem uma potência inesgotável, para o bem e para o mal. O ser humano tem grandes tragédias e grandes virtudes! Nós temos que apostar nas grandes virtudes, nas grandes possibilidades do ser humano. Então, o Araguaia despertou muito isso. Por exemplo, o Zezinho, eu conheci muito o Zezinho lá. E me encontro com ele. Você sabe que até hoje ele não chama o meu nome de Genoíno. Ele não consegue chamar o meu nome, de Genoíno. Ele chama o meu nome de Guerrilha, lá, que eu usava. As vezes que eu encontro com ele, ele quer que eu o encontre na rua. Eu disse: “Ôh, Zezinho, não precisa marcar ponto. Venha na minha casa”. “Não...” não sei o quê. É a cultura. Eu sempre falo com ele, eu converso com ele. É uma pessoa, assim, que eu tenho um carinho muito grande. Enfim, você que conheceu ele, eu acho que é uma pessoa... E eu vivia com ele lá no Destacamento B. Eu vivia com ele no Destacamento B.

A memória, ela não é propriedade. Ninguém é proprietário da memória, nem eu, nem você, nem o PCdoB, nem ninguém. A memória é de propriedade pública. A memória é propriedade histórica. Por isso que, quando eu fui procurado, o Paulo me deu esse toque, o Paulo Lucena, ele disse: “Olha, para mim, é uma questão de obrigação ética, de vida falar dessa memória, porque...”. Eu até disse para ele que foi bom eu conversar, e eu disse hoje... Olha bem que coincidência. Antes de eu fazer essa *live* com vocês, eu tive, eu fiz uma com o Lula. E eu disse para ele: “Olha, Lula, eu não posso fazer até o fim contigo porque eu vou fazer uma *live* com os companheiros da Universidade Federal do Tocantins



sobre a Guerrilha. É uma coisa muito forte para mim”. Aí, ele me falou: “Tá liberado!”.
[risos]

Veja bem, um dia desses eu estava falando com a namorada do Chico, e eu disse: “Olha, fala para o teu namorado que eu continuo cantando Apesar de você, que eu cantava lá na selva do Araguaia”. Só que a Walquíria⁴³ e o Idalísio⁴⁴, que cantavam e tocavam violão, eles morreram lutando lá no Araguaia, lá no meu destacamento. Eu acho que essas viagens fazem parte da vida. A memória não é morta. Não existe memória morta! E eu acho que tem uma disputa, Luiza, no Brasil, em toda essa questão. A memória, ela tem que ser recolocada no seu patamar de vida! Não é porque a gente queira o retrovisor do passado. Tem que ter o retrovisor e o para-brisa do carro. É o retrovisor e o para-brisa.

Naiane: Boa noite. Eu estou muito emocionada de estar aqui. Eu gostaria de me situar um pouco. A Luiza havia falado no início: eu sou de Xambioá. Eu fui aluna do professor Paulo César. A Guerrilha do Araguaia não faz parte da história coletiva da cidade de Xambioá. E eu tinha, sei lá, uns 10, 12 anos, então, a minha memória é bastante falha em relação a isso, e eu lembro que o professor Paulo César falou assim: “Aqui era uma prisão e o José Genoíno foi torturado aqui”. Eu não entendia de política. A gente vai entendendo pouco de partido político, de figuras políticas. Mas a primeira figura política relevante foi você e eu sabia que... não estava na minha cabeça... nunca, nem nos meus melhores sonhos, eu imaginava que eu estaria numa sala, ainda que virtual, com você. Eu estou muito emocionada mesmo. Fico pensando em toda essa região, de Marabá, Araguatins e outras cidades, ali, do Maranhão, Pará, Tocantins. E, embora tenha muito o fazer político da esquerda, mas não é um fazer político necessariamente ligado ao protagonismo no fazer político como, por exemplo, posição de prefeito, governador, deputado, senador, nesse sentido. E há um conservadorismo muito grande na região Norte e Nordeste de fazer político, há uma hostilidade muito grande. Fica na memória do Norte um ideário de que quando o Estado intervém, ele intervém para violentar a população, e violentar da forma mais vil possível. Que olhar que fica, então, sobre essa região que teve uma experiência quase que, assim, involuntária, inconsciente, porque eles não escolheram, eles não sabiam o que estava se passando? Que olhar que a esquerda tem para essa região

⁴³ Walquíria Afonso Costa, codinome Walk (1945 – 1973).

⁴⁴ Idalísio Soares Aranha Filho, codinome Aparício (1947 – 1972).



que, passados 40, 50 anos depois, continua vivendo as consequências, continua vivendo sob o controle de narrativas, continua tendo esse Estado violento? Então, o Estado policial, ele permanece. Quando aconteceu a busca dos corpos dos desaparecidos e a exumação dos cadáveres lá no cemitério de Xambioá, a cidade não sabia o que que estava acontecendo. Eu sabia porque estávamos com o Paulo César e ele falara conosco como professor. Mas de repente a cidade leva um susto: Por que está descendo helicóptero aqui? Um monte de gente? Continua sendo paulista qualquer pessoa de aparência branca que aparece lá. E, aí, eram pesquisadores e tal. Então, tem essas interferências do Estado quando a população fica apartada, e parece que a população não tem direito de saber. Eu queria saber que olhar que o senhor tem e o que a esquerda no geral tem para nós, da região Norte.

Genóio: Olha, Naiane, em primeiro lugar, eu fico emocionado porque você é de Xambioá, e Xambioá para mim não é qualquer ponto do país. Xambioá eu... eu tinha 25 anos, 24 anos, quando eu circulava. Eu nunca esqueço quando eu saía de Araguaína, passavam em Wanderlândia, num onibusinho bem simples, e chegava em Xambioá. Chegando em Xambioá, eu pegava um barco ou andava... atravessando a Serra das Andorinhas, lá para a Gameleira. E o Paulo me mandou um dia desses aquelas fotos de Xambioá. Fiquei até emocionado quando vi aquelas fotos. Eu voltei, eu fiz uma viagem. Esse é o lado que eu quero registrar que você está me proporcionando a entrar em contato, porque eu estava plantando ali algo que era eterno. Quando eu fui para Xambioá, para a Gameleira, eu sabia que ia, mas não sabia como voltar. Inclusive, quando eu fui levado - eu estava no meio do mato -, quando eu fui levado para a cadeia de Xambioá, era uma coisa meio escura. Eu não sei o quê que estava acontecendo, que eu fiquei na cadeia. Eu fiquei amarrado, porque eu tentei fugir, quando me prenderam. E depois eu via Xambioá, quando eu estava preso lá em cima, na Base Militar. Eu via Xambioá lá em baixo. Então, eu quero dizer que essas marcas existem.

Eu acho que nós... temos que ter um olhar de integração do país dentro da diversidade. Nós não podemos ter uma visão paulista do Brasil, nós não podemos ter uma visão carioca do Brasil, nós não podemos ter de nordeste do país, baiana ou pernambucana. Nós temos que ter uma visão deste Brasil do jeito que ele é! É o Brasil de Xambioá, o Brasil da Amazônia, Brasil do garimpo, é o Brasil do Acre, é o Brasil de... Rondônia. Eu tive a



sorte, o privilégio de conhecer todo o Brasil! E eu conheci detalhadamente Acre, com Chico Mendes. Depois, eu encontrei coisas, assim, incríveis. E, para mim, foi uma experiência muito rica de ter. Eu acho que nós, Naiane, da esquerda temos que ter uma noção de projeto de país menos economicista, menos... menos impositivo, menos vertical, e ter um projeto de esquerda mais horizontalizado, mais diversificado. Não é uma diversidade apenas que combata o racismo, o machismo, patriarcalismo, mas uma visão que possa integrar a nossa diversidade, porque a diversidade, muitas vezes, ela foi usada na teoria política para justificar a dominação, ou o esquecimento. Então, por exemplo, essa região, para mim, ela é... tem muita poesia nessa região, entendeu? Ai, depois, eu tive, já como deputado, eu estive em Imperatriz e fiz uma viagem pelo Tocantins quando eu conheci o Padre Josimo. Quando eu conheci o Padre Josimo, com Manoel da Conceição, fizemos uma viagem por lá. E eu achei tão... aquilo ali é uma coisa, assim, tão rica, é tão cheia de coisa, daquela determinação do povo, a maneira como o povo sobrevive, como o povo se organiza.

Eu acho que falta a gente compreender que este país não é o país de uma dominação de classe perversa, preconceituosa. É um país que tem essas riquezas, que a gente tem que se apaixonar por isso. É o olhar o Brasil de outra maneira! Nesse sentido, eu acho que a gente tem que ter um olhar diferente. Eu sou nordestino, nasci no Ceará. Conheci bem o Nordeste, vim para São Paulo. E é interessante, Naiane, que a gente acaba encontrando coisa. Por exemplo, São Paulo para mim foi o mundo: viver clandestino, viver aqui, ser eleito aqui, primeiro voto. Aliás, eu tenho uma história. O meu pai morreu com 95 anos, e um ano antes dele morrer, era analfabeto, camponês... Sou o filho mais velho e ele chegou para mim e me fez quatro perguntas que eu não consegui responder. Ele disse: “Você, meu filho, era o filho mais velho. Trabalhava comigo na roça. Foi estudar, virou sacristão por estudar. Quando você entrou na universidade, a política te tirou da universidade”, porque eu não me formei. Depois, ele disse: “Você não gostava da roça porque queria estudar. E você voltou para roça para fazer essa tal de Guerrilha. É duro entrar na minha cabeça! Você não queria trabalhar na roça e voltou para a roça por causa da Guerrilha. Você é preso. Vai para São Paulo, fica famoso, aparece na televisão”, porque na época eu era deputado, “e não fica rico. E você, vocês ganharam essa briga contra o governo, porque elegeram o Lula. E você agora está sendo perseguido de novo.



Como é que é isso?”. Aí, eu digo: “É o destino”. Aí, eu usei aquela expressão de que a luta é um destino; você tem destinos.

E eu acho que essa tua colocação, Naiane, ela nos faz, a gente, olhar, ter um olhar virtuoso, um olhar libertário, um olhar emancipacionista desse país. Esse país não pode ficar apartado, assim, seccionado. Esse país tem que ser um país mais integrado, um país em que a diversidade seja um valor intrínseco. Voltei três vezes, quando eu era presidente do PT, em Palmas. E eu fiquei impressionado com Palmas, assim, que não existia na minha época. Mas eu queria ir para Araguaína. Eu tinha um negócio: eu quero ir para Araguaína! Porque Araguaína, para mim, era um negócio que eu tinha passado lá. Palmas era uma cidade artificial para mim. Eu queria ir para Araguaína, queria ver Paraíso do Norte, eu queria aquela... Gurupi. Sabe, aquelas coisas, assim, que era o caminho que eu fazia.

Então, eu acho que você tem razão. Eu acho que um projeto de nação. No fundo, no fundo, Naiane, a gente tem que refundar a nação brasileira. Eu uso muito o conceito de nação e não de pátria. Nação que é povo, é gente, é a diversidade, a riqueza cultural, a riqueza política. Tem tanta coisa importante, veja bem, que a gente tem que ter uma nova subjetividade nas pessoas. Estou falando de subjetividade, e eu acho que, quando a gente governou o Brasil, eu vivi essa experiência porque a gente não ganhou corações e mentes. A gente tem disputado corações e mentes, entendeu? E disputar corações e mentes não é só a comida, o emprego. É também a cabeça, é o coração, é o afeto. E é essa coisa que... e você coloca isso. Essa diversidade é muito importante. Você mora em que lugar do Maranhão? Fala para mim, Naiane.

Naiane: Moro em Pedreiras. É o centro-norte do Maranhão, a cidade do grande compositor João do Vale.

Genoíno: Ah, João do Vale, é? Você sabe que uma vez eu encontrei com o João do Vale quando eu fazia o projeto de direito autoral e ele começou a falar dessas coisas do Maranhão. Interessante, viu, olha... Você sabe que eu também conheci também, quando eu andei no Maranhão, o Codó, e eu tinha uma ideia de conhecer o Codó por causa do Terecô. Porque lá no sul do Pará o pessoal cantava o terecô do Codó. E eu queria conhecer Codó no Maranhão, entendeu? Então, é só para dizer que é muito interessante. Eu acho que esse Brasil, a gente tem que ter um amor por ele, mas é um amor pelo povo. Porque



esse país não é da classe dominante, não é dos escravocratas, desses fascistas. Esse país é do povo. É das pessoas que estão trabalhando, lutando, brigando, tentando construir dignidade. Então, eu acho que é dessa maneira que tem que ter um projeto de nação. Um projeto de nação tem que dar conta de tudo isso, desse Brasil como um todo, não é.

Irene: Houve uma avaliação pelo PCdoB em relação aos camponeses que sofreram na Guerrilha? O que o PCdoB acha sobre a atuação dos mateiros e dos guias?

Genoíno: Olha, eu não posso... eu não posso falar pelo PCdoB. Eu falo por mim, né. Eu não estou... Primeiro que eu não represento, segundo que eu não estou na condição de representante do PCdoB. Eu acho o seguinte: a população do sul do Pará e da região sofreu as consequências da repressão violenta que aconteceu aí. E essas consequências merecem ser reparadas! Essa é minha posição e eu sempre defendi isso. Nós tínhamos, inclusive, desde o início, ter lutado... não era só o problema dos guerrilheiros, era também da população da região que viveu intrinsecamente, passou por momentos difíceis na região. Então, eu acho isso. Em relação aos mateiros, tem uma situação delicada, porque alguns mateiros foram levados a um processo de trabalho por tortura e violência, e tem que ser considerado assim, e tem outros que trabalharam de maneira espontânea. A gente tem que separar o que houve de espontâneo e não. Eu assisti a um filme muito forte, “Os soldados do Araguaia”. É um filme muito forte que retrata muito bem isso, como nós tínhamos que ter dado um tratamento diferenciado. Diferenciado, que eu digo, dentro de um todo. Nós não podíamos fazer uma separação: guerrilheiros; moradores da região; e pessoas que foram profundamente afetadas como, no caso, os mateiros. Eu acho que era um trabalho, porque toda a causa desse sofrimento foi uma só: foi a ação repressiva do Estado! Então, a reparação, ela é necessária porque houve uma ação repressiva do Estado! Houve uma ação de fora por parte do Estado. Então, eu concordo com as preocupações levantadas pela companheira nesse trabalho jurídico, porque houve uma ação estatal. E se houve uma ação estatal, tem que ser reparada. Aliás, eu acho que uma das limitações da Comissão da Verdade, César, foi a gente não ter criado condições para que a narrativa do que aconteceu fosse assumida. E, ao assumir a narrativa, houvesse um pedido de desculpa! Não adianta a gente fazer julgamento individualizado. Nós temos que fazer a avaliação histórica do contexto político institucional da época. E eu, que estava naquela



região, vivi, eu sei o que aquela população passou. Eu sei. Eu tive, como eu falei para vocês, eu estive com um jovem que conheceu a modernidade com o choque elétrico. Pessoas, assim, que sofreram muito, que nem sabiam de quê se tratava. Houve uma ação estatal! Esse é que é o problema. Se houve uma ação estatal, a reparação tem que ser feita por parte do Estado. Lamentavelmente, nós estamos vivendo um grande retrocesso no tratamento dessa questão, inclusive cassando indenizações que foram concedidas com base na Lei da Anistia. É lamentável que o Brasil esteja recuperando a narrativa da Ditadura, recuperando a narrativa da morte, recuperando a narrativa de quem praticou o crime, recuperando a narrativa autoritária, fundamentalista e que massacra. Portanto, eu concordo com ela. O ponto central é isso: uma ação do Estado! O Estado tem que recuperar, tem que reparar essas pessoas.

Verônica: Genoíno, eu estou muito feliz de estar aqui nessa sala. Estou muito emocionada de ouvir o seu discurso, um discurso sensível. E, assim, eu posso lhe chamar de conterrâneo, de companheiro e conterrâneo. Você é de Quixeramobim e eu sou ali da região dos Inhamuns, ali perto de Marruás. Só que eu morava mais no interior, lá nas bibocas mesmo, lá no sertão mesmo. Eu vivi em Xambioá, como professora lá por um ano, e foi um momento, assim, muito importante, porque eu aprendi um pouco sobre a Guerrilha, por meio também do professor Paulo Lucena. E hoje me arrependo tanto de não ter aprendido mais, não ter explorado mais esse assunto ali dentro de Xambioá.

Genoíno: Quero dizer para você que essas coisas a gente vive e tudo o que a gente faz com amor, com dedicação, com generosidade não morre jamais! É eterno! E, aí, foi isso que eu aprendi nessa experiência de vida, viu, companheira.

Luiza: É a nossa última pergunta, Genoíno. A questão é a seguinte: Considerando esse cenário que nós estamos vivendo hoje, um cenário que parece de uma certa indecisão, você vê semelhanças com o quadro atual político brasileiro e o momento anterior ao Golpe de 64?

Genoíno: Olha, Luiza, é um momento histórico bem diferente. 64, eu estava chegando em Fortaleza quando teve o golpe. Estava saindo do interior e chegando em Fortaleza.



Depois, eu vivi o golpe quando eu entrei na universidade e me opus radicalmente ao golpe. O golpe de estado naquela época era um golpe do tipo velho. Era um golpe da derrubada, era um golpe de fora para dentro. Os golpes que a gente está vivendo hoje são mais sofisticados, são mais dissimulados. Eles acontecem por dentro das instituições. Nós estamos vivendo um processo de golpe contínuo. Começou em 2016, quando derrubaram a Dilma, quando prenderam o Lula, quando manipularam a eleição de 2018, quando se elegeu esse presidente. Eu estava até comparando: em 68, teve o 477. Eu fui cassado na universidade pelo 477, depois do AI5. Qual é o 477 de hoje? É a Medida Provisória que cassa a autonomia das universidades. Quer dizer, o golpe hoje, ele é dissimulado, tem uma formalidade legal, ele se dá por dentro do Estado e não por fora do Estado. Por outro lado, ele veio com a cobertura ideológica de um neofascismo, de uma pregação da morte, do preconceito, da violência, em que as pessoas são coisas. Em 68, 69 ou 70, quando eu cheguei no Araguaia, havia uma ditadura violenta, mas as pessoas estavam silenciadas, as pessoas estavam proibidas. Hoje, tem parte da população, lamentavelmente, uma minoria, mas que assume o discurso do nazismo, do feminicídio, da LGBTfobia, contra os índios, contra os quilombolas, é machista. E veja bem que isso é muito forte. Eu não imaginava que a gente fosse viver isso.

Esse golpe político de agora se dá com uma abertura econômica muito forte, que é o projeto neoliberal, que é o lucro acima de tudo, é a coisificação das pessoas. As pessoas viram números. As pessoas se habilitam à normalidade; tudo é normal, a morte é normal, o preconceito é normal, matar é normal, a violência é normal, a mulher ser inferior é normal, o negro ser inferior é normal. Querem normalizar a barbárie. Nós não podemos aceitar isso. Na nossa luta, daqueles tempos, era uma luta mais direta. Hoje, a luta é mais sofisticada, porque ela tem que ganhar corações e mentes, ela tem que mexer com valores. Na nossa época, a gente lutava pela defesa do socialismo, pela liberdade. Hoje, você tem que lutar por esses valores, mas você tem que lutar contra o patriarcalismo, o machismo, o racismo, defender o meio ambiente, porque o meio ambiente está sendo destruído por essa visão do lucro acima de tudo, defender a população vulnerável, a população de risco, defender o direito do ser humano a viver de maneira feliz sem preconceito. Então, eu acho que a luta, hoje, ela é mais ampla, mais complexa, porque as formas de dominação hoje são muito sofisticadas. A dominação, hoje, ela é híbrida. Na época da Ditadura, que eu vivi, a tortura começava no corpo. Hoje, a tortura começa na alma; chega no corpo, mas



começa na alma. Eu vivi duas experiências dramáticas: quando eu fui preso no Araguaia, era tortura física, chegava na alma; depois, quando eu sofri a Ação Penal 470, a tortura foi na alma, na imagem, na reputação! São momentos diferentes. Portanto, eu acho, Luiza, que nós temos que colocar a luta pela democracia, pela liberdade, a luta contra o fascismo, a luta contra o racismo, a luta por defender a diversidade, a luta contra o preconceito. A luta, hoje, não pode ser mais compartimentalizada. Nós temos que ter uma visão universal e totalizante do ser humano. É tão radical lutar pela terra e pela comida como é radical lutar pelo direito da mulher, pelo direito da população negra, pelo direito da comunidade LGBT, pelo direito das comunidades indígenas, comunidade quilombola. A gente tem que ter um programa mais amplo e mais diversificado para trabalhar com todos esses temas que enfrentam um novo tipo de ditadura, que é a ditadura do capital, é a ditadura que faz da toga, da farda e da... mídia digital uma maneira de dominar as pessoas. E a gente, às vezes, se assusta como as pessoas prestam certas coisas de maneira dramática, não é. Então, eu acho, só para terminar, eu acho, companheira Luiza, a luta hoje, ela é mais complexa. Mas, ao mesmo tempo, é uma luta que é mais necessária, porque as nossas vidas... Eu aprendi isso na minha história. Eu tenho 53 anos de militância política. Comecei em 67, né, tenho 53 anos. E nessa minha experiência de luta, eu aprendi que a vida só tem sentido se ela estiver vinculada à causa.

A vida, para mim, tem sentido quando eu ligo à causa, uma causa, um valor, um objetivo. O ser humano tem que ter sonhos, tem que ter causas, tem que ter motivação, tem que ter ideais. Então, para mim, é isso que vale a pena. Então, a luta... Esse obscurantismo selvagem, essa truculência, essa coisa rude, essa coisa que eu não imaginava... Vocês sabem que eu convivi com o Presidente, que eu prefiro não citar o nome. Em nome do decoro parlamentar, a gente não se falava nem se cumprimentava. E eu continuo com esse mesmo pensamento. Veja bem, numa das determinadas vezes que eu fui prestar um depoimento lá no Congresso, uma das pessoas que ele levou para me ver foi uma das pessoas que torturou no Araguaia. Veja bem como as coisas são sofisticadas. A sofisticação é muito profunda.

Por isso que esquerda tem que ter um projeto emancipatório, um projeto libertário, um projeto paulatinamente utópico, não no sentido de não realizável. É utópico no sentido de construir as melhores possibilidades para o ser humano. Eu continuo crente, continuo confiando, continuo tendo a esperança de que é possível ter uma vida melhor, uma vida...



aquilo que é cantado na música: “O sonho impossível. Sonhar o sonho impossível”. Porque eu acho que isso vale a pena, porque a vida... o quê que seria a gente viver sem isso?

Vocês estão fazendo um trabalho heroico aí nessa nova universidade, nessas pesquisas, nesse trabalho. O Paulo fazendo o trabalho que ele faz lá em Xambioá, outras pessoas, com outras pessoas. É esse... essa maneira de viver, com dignidade, que vale a pena, viu? Então, eu queria dizer para vocês que, para mim, foi um momento muito especial. Acho que é a última pergunta, né? É um momento muito especial. Com certeza, hoje à noite eu vou ter alguns pesadelos, mas vale a pena. Porque quando eu falo dessas coisas à noite a cabeça faz uma viagem nas assombrações, a gente vive esse processo. Mas vale a pena viver! Vale a pena, porque viver é lutar, viver é dignidade, assim, dessa maneira. E eu continuo fiel e homenageando aqueles companheiros que, no Araguaia, plantaram esperanças que não morrem. Vale a pena a gente viver e lutar. Um grande abraço para vocês.

Luiza: Genoíno, espero que você tenha bons sonhos, porque sua fala foi uma fala poética, político-poética, nos conclamando para a luta, com muita esperança, muito esperançosa. Que essa boa energia que você trouxe para nós fique com você também, porque foi uma fala iluminada. Que você não tenha pesadelos. Que você tenha orgulho da sua história, orgulho da sua trajetória.